



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**A INQUISIÇÃO NA BAIXA IDADE MÉDIA FRANCESA: UMA
LEITURA SOBRE HERÉTICAS, HERESIAS E IGREJA (SECS. XI
AO XIV)**

Maria das Dôres de Mélo Silva

**CAMPINA GRANDE
NOVEMBRO
2010**

Maria das Dôres de Mélo Silva

**A INQUISIÇÃO NA BAIXA IDADE MÉDIA FRANCESA: UMA LEITURA
SOBRE HERÉTICAS, HERESIAS E IGREJA (SECS. XI AO XIV)**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador (a): Profa. Dra. Marinalva Vilar de Lima

Campina Grande

2010



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

Maria das Dôres de Mélo Silva

A INQUISIÇÃO NA BAIXA IDADE MÉDIA FRANCESA: UMA LEITURA SOBRE
HERÉTICAS, HERESIAS E IGREJA (SECS. XI AO XIV)

Monografia Avaliada em 24 / 12 / 2010 com o conceito 9,0

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Marinalva Vilar de Lima
Orientadora e Presidente da Banca Examinadora

Profa. Ms. Michelly Pereira de Souza Cordão
Examinadora

Profa. Dra. Regina Coelli do Nascimento
Examinadora

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho primeiramente a Deus, por ter me dado a força de continuar lutando para chegar a esta vitória, a minha mãe Josefa que fez todo possível para eu chegar até aqui e a meu filho Gabriel que tantas vezes me chamou para brincar e eu não podia, causando nele muitas vezes tristeza e solidão por ter sempre me visto ausente ou estudando na mesa. Quero dedicar a você meu filho amado este que representa o resultado dos meus esforços para promover dias melhores. Tudo que fiz é uma prova de que te amo muito.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em princípio a Deus que através da fé que deposito nEle me fez vencedora, bem como, a todas as pessoas que de uma forma ou de outra contribuíram para meu desempenho.

Antes de qualquer coisa a dedicação de minha mãe Josefa de Melo Silva, para que este momento se tornasse possível, cuidando do meu filho Gabriel, de modo a me dar a chance de tornar-me uma pessoa com curso superior.

Ao meu pai que me acolheu juntamente com meu filho após minha separação, me ajudando muito, principalmente dando força, carinho e ajuda financeira.

Aos meus irmãos Roberto, Juraci e Silvana que de alguma maneira me deram ânimo para vencer esta tão sonhada batalha.

Aos meus alunos da disciplina de História inseridos na escola Margarida Almeida localizada em Lagoa do Mato, bairro pertencente à Remígio PB, que diversas vezes me viram relatando minhas dificuldades da universidade.

Não poderia deixar de mencionar a contribuição daquele que representou meu anjo da guarda desde o vestibular, meu verdadeiro amigo Daniel que esteve sempre me ajudando de várias maneiras. E também aos outros colegas do PEC que também colaboraram para minha realização acadêmica.

A minha querida orientadora que considero amiga, Marinalva Vilar de Lima, que desde o início do curso me incentiva e ouvia meus desabafos profissionais, acadêmicos e pessoais. Atuando como uma verdadeira psicóloga, em prol, de sanar meus problemas com conselhos sábios que sempre me fizeram refletir e seguir na minha jornada. Afinal, a atenção, o carinho, o estímulo, a compreensão e o amor que me deu foram a alma desta vitória, meus sinceros agradecimentos Mari.

A minha prima e comadre Aldenoura que tantas vezes me repassou sua vasta experiência, por meio de conselhos, dicas, e força para obter esta vitória.

A minha grande amiga e companheira de “guerra” Adoriana, sempre tão sábia e verdadeira. Amiga saiba que você será sempre especial para mim.

As minhas colegas professoras e amigas, em especial Andréa, que escutou meus relatos de dificuldades em prosseguir com o curso, mas, sempre me animando e dando força para eu continuar seguindo em frente com a luta. Andréa você é um exemplo e me espelhei em ti para dar continuidade, nunca esqueci os seus desabafos na hora do recreio quando estavas terminando o curso de Letras. Agradeço a sua contribuição valiosíssima.

Às professoras Regina Coelli e Michelly Cordão que aceitaram participar de minha defesa, dedicando tempo na leitura da monografia para comigo fazerem a interlocução sobre o trabalho.

Aos demais professores do curso de História da UFCG com quem pude interagir e discutir os muitos conteúdos adquiridos nessa longa jornada.

A querida amiga e grande colaboradora Ana secretária da UFCG que sempre me deu importantíssimos conselhos e sempre esteve disposta a resolver minhas questões acadêmicas e muitas vezes pessoais.

Enfim, foram tantos que me ajudaram que me sinto realizada por ter tido imenso incentivo.

RESUMO

A Monografia discute a participação feminina nos movimentos nomeados de heréticos pela Igreja no medievo de entre os séculos XI ao XIV na região francesa. Realiza uma contextualização histórica sobre a Baixa Idade Média no Ocidente Cristão, considerando as relações entre a Igreja e a formatação da mentalidade dos homens e mulheres que participaram dessa experiência histórica. Está respaldada em uma extensiva pesquisa bibliográfica, procurando recuperar os aspectos fundamentais da temática. Problematisa as conceituações tradicionais de Idade Média, tratando-o a partir de sua historicidade na esteira do que faz o medievalista Jacques Le Goff. Por fim, localiza as mulheres enquanto participantes ativas em três movimentos (o Catarismo, os Valdenses, as Beguinhas) a que a Igreja vai estabelecer acirrada perseguição através do aparato inquisitorial por ela montado.

Palavras- chaves: Representações femininas, Inquisição Medieval, Idade Média Francesa, História da Igreja.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
I CAPÍTULO. - A baixa Idade Média na França: o poder da Igreja, a Inquisição e as mulheres	13
1.1 Breve discussão a respeito da Baixa Idade Média na França.....	15
1.2. A Inquisição francesa no medievo.....	25
1.3. A mulher na sociedade francesa medieval: da submissão à ascensão	34
II CAPÍTULO- O lugar do feminino nos movimentos heréticos: Catarismo, Valdenses e Beguinas	45
2.1. O Catarismo	48
2.2. Os Valdenses	57
2.3. As Beguinas	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES.....	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	75

INTRODUÇÃO

Este trabalho discorre sobre os movimentos contestatórios ao poder dogmatizador da Igreja em especial na região da França de entre os séculos XI ao XIV, recuperando a atuação dos franceses e francesas. Constatação que se fez no sentido de garantir a liberdade religiosa, bem como, o direito de opinar e refletir sobre suas vidas, na baixa Idade Média. Destaca-se aqui a história de participação e dos papéis assumidos pelas mulheres no contexto desses movimentos.

Foi desenvolvido a partir da discussão com alguns autores que trabalham com a Idade Média e também com o feminino. Constituindo-se, sobretudo, de uma pesquisa bibliográfica. Com isso, buscamos compreender como as mulheres foram construídas ou mesmo pensadas pela Igreja Católica, percebendo como as representações do feminino, criadas por esta Instituição estiveram na base de perseguições e crimes por ela cometidos.

Por conseguinte, tomamos como temporalidade os séculos XI, XII, XIII e XIV, nos quais, segundo os autores pesquisados, encontramos a Igreja Católica no auge do seu poder, para a obtenção de suas conquistas no que se refere ao combate das pessoas vistas como dissidentes e, conseqüentemente, hereges.

A localidade deste estudo é a região da França. Espacialidade que neste período, passou por diversas transformações econômicas e culturais. *Locus* que serviu de cenário para a constante movimentação de ideias apontadas como heresias que tanto perturbaram a Igreja Católica.

A escolha por discutir a temática aqui apresentada se deu em virtude de querermos mostrar que, mesmo em um período em que a Igreja vai ter grande autoridade, vão surgir vozes dissidentes, contestadoras que não vão se curvar às normas dessa Instituição.

No entanto, nos reportamos às vozes femininas que não aceitaram caladas as atuações de uma Igreja dominadora e ditadora de regras sem preocupar-se com as vontades e decisões daqueles e daquelas que desaprovaram tais leis. Assim sendo, as práticas das mulheres dissidentes,

promoviam a ira e o temor da Igreja, que pretendia manter sob controle toda população francesa. Um poder que a Igreja Católica legitimou e autorizou, de modo a fortalecer o controle das mulheres pelos homens.

Evidenciamos como as práticas inquisitoriais marcaram as mulheres enquanto sujeitos marginais, buscando a elaboração de representações do feminino visualizado enquanto uma personificação do demônio, portanto, inimigo maior do credo cristão-católico. Todavia, esta denominação estabelecida pela Igreja não impediu muitas de conseguirem a sua “independência”. Mostramos assim, que não somente os homens foram “superiores” durante o período que recortamos para a análise, mas, algumas mulheres também o foram na Idade Média.

Optamos por fazer um estudo que se fundamentou em uma análise bibliográfica, atualizando os debates apresentados por medievalistas que se dedicaram ao estudo dessa temática. Destacamos aqui as contribuições de Jacques Le Goff, José Rivair de Macedo, João Bernardino Gonzaga, Anita Waingort Novinsky, Georges Duby, Jeffrey Richards, R. Howard Bloch, Jeffrey Burton Russell, Alcides Conejeiro Peres, Guy e Jean Testas, Philippe Wolff, entre outros.

Decidimos pela elaboração de dois capítulos intitulados respectivamente de: “A Baixa Idade Média na França: O poder da Igreja, a Inquisição e as mulheres”; “O lugar do feminino nos movimentos heréticos: Catarismo, Valdenses e Beguinas”.

No primeiro capítulo, discutimos as mudanças pelas quais a França passou a partir do final do século XI até o século XIV, objetivando apresentar o quadro maior em que irão se desenvolver os acontecimentos relativos à Inquisição e, em especial, às mulheres.

No segundo capítulo destacamos a participação das mulheres no Catarismo, nos Valdenses e nas Beguinas, a partir da constatação de que em outros movimentos, perseguidos pela Igreja e rotulados de heréticos, não foi possível detectar a presença de nenhuma mulher. A exemplo de “A ordem dos Cavaleiros Templários”, composta só por homens, caso da grande maioria dos

movimentos heréticos. Os movimentos destacados acolheram as mulheres para seu interior e deram-lhes espaço de participação ativa. Focamos o Catarismo, os Valdenses e as Beguinas, demonstrando a participação feminina e suas implicações como aspectos centrais na análise que veiculamos no capítulo.

Ressaltamos ainda que a Igreja Católica na Idade Média se configurou como manipuladora das regras, buscando submeter a todos com seus preceitos. Consideramos que esse estudo se faz necessário e vem promover uma discussão sobre o medievo. Aqui voltamos nosso olhar para as práticas das mulheres que a Inquisição representou como figuras demoníacas, sinônimo de grande perigo, de grande mal, e que somente a Igreja através do tribunal do Santo Ofício podia reprimir. Localizamos ações táticas, levadas a efeito pelas mulheres, que se dão no sentido de irem de encontro à vontade homogeneizadora da Igreja.

Portanto, desenvolvemos uma entre tantas outras perspectivas de pensar as mulheres enquanto sujeitos que integram ativamente uma sociedade, considerando aqui o contexto da sociedade de baixa Idade Média.

Nosso objetivo como historiadora vai no sentido de contribuir para focalizar temáticas que ainda carecem ser melhor analisadas. Certamente que, estudar o feminino em um período de que hegemonicamente sobressaem os estudos sobre os aspectos tidos como embaixadores de mentalidade do homem medieval, é criar uma tradição sobre o que pesa um grande silêncio escriturístico. Aqui nos aliamos aos esforços de pesquisadores que trouxeram a temática do feminino sob a Inquisição Medieval para a cena historiográfica em âmbito internacional. Somos conscientes de que nosso exercício vem a provocar um lugar para os estudos sobre o Medievo no âmbito das produções do curso de História da UFCG.

Por fim, ressaltamos nossa opção por uma perspectiva teórico-metodológica que se apóia nos estudos feitos pela História Cultural, estabelecendo uma interlocução com as contribuições advindas das leituras de Roger Chartier. Compreensão que nos possibilitou pensar as experiências das mulheres sob a Inquisição no medievo de entre os séculos XI e XIV, enquanto

constituidoras de representações que foram sendo preservadas a partir das leituras historiográficas produzidas nos diferentes contextos e a partir de preocupações a eles inerentes.

PRIMEIRO CAPÍTULO

A BAIXA IDADE MÉDIA NA FRANÇA: O PODER DA IGREJA, A INQUISIÇÃO, E AS MULHERES

Nesse capítulo analisamos um dos períodos da História da França, que atualmente tem sido bastante estudado pelos historiadores, a Idade Média. Recortamos a temporalidade que vai do século XI ao XIV, também nomeado de Baixa Idade Média. É um momento em que a França passou por diversas transformações sociais, religiosas e econômicas. Abordagem que desenvolvemos com o intuito de apresentar o quadro maior em que vão se dá os acontecimentos relativos à Inquisição e em especial às mulheres.

Entretanto, destacamos neste momento uma breve distinção entre a função das mulheres para a Igreja Católica, bem como, o desejo que elas tinham de se tornar livres da subjugação desta Instituição, para assemelharem-se aos homens, legítimos detentores do poder, mediante a lei divina e a terrena.

Esse estudo reflete um pouco sobre o poder que a Igreja vai concentrar e dele fazer uso. Ainda que este não tenha sido bem aceito pelos franceses que se valeram da heresia para obter a satisfação de seus interesses e, com isso, tenham sido perseguidos pelo Tribunal inquisitorial.

O enfoque central desta análise é perceber, através das bibliografias pesquisadas, como a mulher era representada na França no período recortado. Direccionamo-nos em busca do modelo de feminino encontrado na Baixa Idade Média francesa, considerando o ambiente dos movimentos heréticos.

Portanto, é o cenário do movimento inquisitorial na França em que vamos localizar as figuras de mulheres que, mesmo inseridas numa época de perseguição, medo e terror, também executaram ações astuciosas que as colocavam em lugar de sujeitos ativos. A estas figuras dedicamos nossa

análise e a elas dispensamos atenção não só neste capítulo, mas em toda a monografia.

1.1- BREVE DISCUSSÃO A RESPEITO DA BAIXA IDADE MÉDIA NA FRANÇA

A sociedade medieval ocidental, mais precisamente a partir do século XII e principalmente no XIII, fora marcada pela extrema religiosidade. Não podemos separar este período da história do fator religioso. Reportamo-nos ao auge do Catolicismo, momento de grande poder da Igreja Católica que através da figura do Papa fez desta uma grande Monarquia. Sobre esse aspecto Jacques Le Goff comenta:

Durante os séculos XIII e XIV, principalmente devido aos progressos do sistema fiscal pontifício, o Papa fez da Igreja uma verdadeira monarquia. Só no fim do século XIV e no princípio do século XV a sua supremacia viria a ser seriamente ameaçada pelos concílios, que, por fim, foram vencidos. (LE GOFF, 1995, p. 20).

Contraditoriamente, o poder do Papa, aqui destacado nas palavras de Le Goff, não tinha muita superioridade na França. O poder papal estava submetido, até certo ponto, ao poder do rei que tomava muitas das decisões no campo espiritual. Na França a Igreja era um tanto quanto vulnerável e dependente de um rei. Havia, de acordo com as análises de Le Goff, uma constante tensão entre poder temporal e poder espiritual. Mesmo assim, a monarquia Católica não deixou de exercer seu poder em prol dos próprios interesses. Instituição que se colocava enquanto habilitada para controlar as mentes e, porque não, os corpos dos homens e mulheres desta época e lugar em que se irradiava seu poder, atingindo não apenas a França, como também grande parte da Europa à época medieval. No universo das preocupações da Igreja havia grande espaço para as que diziam respeito à sexualidade.

Na Idade Média a sociedade vivia em pânico. Muito discurso, representado principalmente pela Igreja, previa o fim do mundo. Era uma população envolvida com crises constantes e violentas de histeria e paranóia. Esta sociedade apresentava um comportamento reprovado, pois o ideal para a Igreja, neste período, seria o conformismo religioso e sexual. Assim, o autor Jeffrey Richards relata que:

No século XIII, a Igreja, as municipalidades e as monarquias nacionais emergentes se mobilizaram para restringir a liberdade que havia prevalecido no século XII. A Igreja se preocupava particularmente com a regulamentação da sexualidade [...] e a regulamentação da espiritualidade. [...] (RICHARDS, 1993, p. 13).

Portanto, sexualidade e espiritualidade eram questões da ordem do dia para a Igreja. O período, também se destacou através do forte desejo da Igreja se manter e ampliar cada vez mais sua supremacia. Durante este ela vai atuar fiscalizando fortemente a sociedade. Todavia, se nos dirigirmos para a mulher camponesa, que por estar localizada a uma maior distância dos centros de controle, agia mais livremente e lutava por isso, pois não almejava ser controlada. E em consonância com isso, desejava o fim da cobrança de impostos pelos bens naturais de que usufruíam: O autor Georges Duby, nos atesta isto na obra “Idade Média na França de Hugo Capeto a Joana D’arc”; conforme assevera:

O que queriam os camponeses? Viver como bem entendessem, rejeitando qualquer controle e que não fossem cobradas taxas pelo uso dos grandes bosques e águas correntes: eles protestavam contra o estabelecimento de um novo sistema fiscal. (DUBY, 1992, p. 53).

Enquanto os camponeses lutavam pela liberdade e autonomia do lado rural da sociedade medieval, destacamos também no século XII, o (re) surgimento das cidades enquanto pólo ativo da vida do homem medieval que, por sua vez, possibilitou a “chegada” dos intelectuais. Estes compartilharam com as grandes inovações vividas na época tanto econômicas como culturais. Sobre essa questão, Le Goff, em sua obra “Os intelectuais na Idade Média” contribui informando que:

Os intelectuais do século XII, nesse ambiente urbano que se vai construindo e onde tudo circula e muda, repõem em marcha a máquina da História e definem primeiramente a sua missão de outrora [...] (LE GOFF, p. 25).

Os intelectuais que marcaram o século XII, na Idade Média, representaram o recomeço de uma época que não existia a dominação Católica, com isso, a população de um modo geral estava atenta e percebia

este poder. Porém, poucos tiveram acesso ao ambiente letrado, já que a maior parte da população vivia fora dos mosteiros, das universidades e das escolas. Assim, a atuação dos intelectuais representou o ressurgimento das idéias dos antigos filósofos.

Entretanto, os intelectuais e os camponeses não estavam sozinhos, havia a Igreja marcando fortemente com sua presença, mesmo antes do século XII. Por conseguinte, os camponeses eram os mais interessados em se tornar livres dos abusos do Imperador, bem como, do Papa. Os intelectuais eram muitos e em sua maioria estavam integrados à Igreja. Em princípio, parecia não ter o que temer.

O Papa, representante de Deus na terra, estava mais interessado na garantia e na perpetuação de um poder que, segundo o mesmo, fora concedido pelo Divino e que deveria ser obedecido a qualquer custo. Porém, como já mencionamos, a sociedade estava cautelosa a esse tipo de abuso e protestava, se rebelando, ao invés de se conformar às regras defendidas pela Igreja Católica. Para esta instituição os protestos do povo convergiam em heresia e deveriam ser combatidos ao seu modo. O que tomara como atitude foi a reconstrução de igrejas nos setores rurais, de modo a acabar com a heresia reinante naquelas regiões. De acordo com Georges Duby já no século XI a Igreja vai dispensar atenção às populações rurais através da reconstrução de suas igrejas, então vejamos:

Mas é evidente que as estruturas paroquiais foram fortalecidas no início do século XI, no período de grande perturbação evocado por Raul, o Glabo, em consequência da preocupação de reprimir a heresia e do grande impulso de purificação coletiva. As igrejas, rurais foram então reconstruídas. [...] (DUBY, 1992, p. 63).

A Igreja no Ocidente cristão medieval estava impregnada de heresia e procurava combater esse mal a todo custo. Um mal que para a população representava uma vida independente, na qual todos deveriam fazer suas vontades. Mas isso não era o correto. Os representantes do poder religioso “enxergavam” as heresias cometidas pelo povo, como algo a ser reprimido. Com isso a violência fora uma arma benéfica para a Igreja no controle e fim da liberdade de escolha daquela população do século XII em diante. Esta

encontrava, mesmo assim, força para protestar tamanho absurdo que eram as ações violentas promovidas pela Igreja, além é claro, das promovidas pelos reis. Roger Chartier, a respeito da monopolização do Estado e da Igreja através da violência, nos revela:

No Ocidente, entre os séculos XII e XVIII, as sensibilidades e os comportamentos são, com efeito, profundamente modificados por dois factos fundamentais: a monopolização estatal da violência, que obriga ao domínio das pulsões e pacifica, assim, o espaço social; o estreitamento das relações interindividuais, que implica forçosamente um controle mais rígido das emoções e dos afetos. (CHARTIER, 1990, p. 109).

Notamos que na Idade Média os comportamentos e as emoções da população eram modelados a maneira prevista por uma Igreja detentora de um poder valioso. Este último se respaldava em origem divina, pois provinha de Deus. Por isso a grande maioria da sociedade medieval se conformava e seguia as leis adotadas pela Igreja. As mesmas leis regidas pela Igreja Católica na Idade Média se regulamentavam nos textos bíblicos. Assim, as mensagens do Apocalipse contidas na Bíblia tinham a função de provocar na mentalidade francesa e, porque não, européia ocidental, um profundo temor ao fim do mundo, por meio dos ideais dualistas cristãos, como o Bem e o Mal, Cristo e o Anticristo. Com isso, a Igreja provocava ainda mais o medo e o terror nas pessoas, pois essas idéias chegavam até o povo através de sermões, poesias, em histórias contadas e até em peças teatrais.

A ideologia cristã dualista foi utilizada pela Igreja para conduzir os católicos desde o século X. Ela reforçava a crença no Diabo, de modo a combater os desvios dos caminhos estabelecidos pela própria instituição, pois caso isso acontecesse, no julgamento final Deus iria condenar os desobedientes. Neste caso, notamos que o conceito de Anticristo é profundamente valorizado por pessoas ligadas a Igreja e está no centro da visão de mundo da Idade Média. Conforme o autor Jeffrey Richards:

No centro da visão de mundo apocalíptica da Idade Média estava o conceito de Anticristo, que do século X em diante tornou-se igualmente um tema constante dos teólogos e um elemento básico da cultura popular, figurando em sermões, poemas, histórias e peças. O Anticristo [...] era um agente do Diabo, o qual acreditava-se, desviaria os cristãos do bom caminho, perseguiria os fiéis e governaria como um tirano até que o próprio Cristo viesse em

socorro da espécie humana na hora do Juízo Final. (RICHARDS, 1993, p. 14).

O fim do mundo era uma idéia constante na mentalidade cristã medieval do Ocidente, por sua vez a sociedade estava envolta em pavor e se via diante de uma Igreja pregadora do fim para aqueles que não seguissem as regras e se mantivessem na desobediência a Deus. Por outro lado, essa conformação tão exigida não era aceita por todos. Havia aqueles que se afastavam dos ditames de obediência para ir em busca dos seus próprios preceitos e para atuar na prática da aquisição dos seus objetivos. Muitos desses contestadores não estavam dando importância aos discursos apocalípticos dos religiosos, pois eles acreditavam naquilo que representavam seus desejos, com isso, nos voltamos para a análise das práticas que representam a vontade dos produtores de discursos, como bem coloca Roger Chartier (1990, p. 136): “As práticas que deles se apoderam são sempre criadoras de usos ou de representações que não são de forma alguma redutíveis à vontade dos produtores de discursos, e de normas”.

Assim, temos por parte da Igreja um discurso que pretende ser normatizador de práticas e nas atitudes do homem medieval uma série de ações que se afastam do modelo que se fez hegemônico. Em conformidade com Georges Duby (1992, p.23) “a pretexto de reprimir o pecado, o bispo aspira a nada menos que o controle de todo o tecido das relações sociais”. Controlar a população era profundamente necessário para a Igreja permanecer com o poder. No entanto, havia aqueles que teimavam em fugir às regras e acabavam adotando posturas e idéias que os levava a ser nomeados como heréticos. A este setor da sociedade medieval estava reservado o sofrimento, a violência. Mas, para os que eram “submissos” e seguiam todas as regras estabelecidas pela Igreja, como principalmente os integrantes desta, lhes era reservado o céu, conforme desejava fazer o discurso da Igreja. Sobre essa questão Georges Duby coloca ainda:

Entre os homens que pela oração servem a Deus, ou seja, à ordem do mundo, um lugar especial está reservado aos que vivem encerrados nos numerosos mosteiros, implantados em sua maioria na época merovíngia, nas necrópoles antigas e formando círculo em torno de cada cidade. (DUBY, 1992, p. 23).

A sociedade medieval do Ocidente cristão, mesmo informada de que para “chegar ao céu”, o caminho era o conformismo e a aceitação dos discursos proferidos pela Igreja, não impossibilitou as mudanças que se deram ao longo do século XII. Assim, no âmbito da economia deste mesmo período, as consideráveis mudanças ocorridas, desempenharam um papel muito importante. A principal foi o surgimento de uma nova classe social: a burguesia. Esta trouxe vida para o uso do dinheiro nas transações comerciais, que antes faziam uso do sistema de trocas. Além do mais, vão surgir as escolas urbanas que passam a competir com as escolas monásticas, revolucionando o sistema educacional da época, devido à ênfase dada à argumentação, bem como, à lógica. Modificação que vai culminar com a priorização do Indivíduo à época renascentista. De acordo com Richards:

O “renascimento” foi um produto de uma revolução educacional, à medida que surgiram numerosas escolas urbanas para desafiar a supremacia das velhas escolas monásticas. [...] O “Renascimento” engendrou um novo tipo de intelectual, dedicado à argumentação e a lógica, o qual ocupou pela primeira vez desde a queda do Império Romano, um lugar de destaque no processo intelectual. (RICHARDS, 1993, p. 17).

Os intelectuais são a representação de um novo modo de agir e de pensar do povo que estava inserido num período em que sofriam forte influência da Igreja. Este povo pertencente à sociedade francesa se refugiava nos discursos dos intelectuais, grandes detentores do poder de persuasão. Ao convencerem a população com suas idéias inovadoras, relacionando fé e lógica ou inteligência, ficavam a mercê da Igreja que, de certo modo estaria perdendo seu poder. E, com isso, a França, mais precisamente Paris, fora considerada como o símbolo da representação do Demônio. A esse respeito Jacques Le Goff, coloca que:

Paris, tanto na realidade como simbolicamente, é para uns a cidade-luz, a fonte de todo prazer intelectual; e para outros, o antro do Diabo, onde se mesclam as perversões dos espíritos assolados pela depravação filosófica e as torpezas de uma vida em meio ao jogo, ao vinho e às mulheres. (LE GOFF, p. 30).

Por meio de tamanha mudança, a Igreja vai encontrar aquela que será durante séculos, sua maior perturbação: a heresia, que vai ser utilizada com mais frequência e como arma para protestar contra o autoritarismo ilimitado da Igreja, que visava o conformismo da população. A heresia por sua vez, encontrava pouso nas universidades, locais em que a argumentação era exercitada por professores e alunos. Partindo também para os textos da Sagrada Escritura, os intelectuais, como já evidenciamos, os discutiam com argumentos e lógica, aumentando ainda mais a preocupação da Igreja. Desse modo, a heresia representara para a época um importante instrumento para o avanço das mentalidades, já que esta rejeitava qualquer forma de subordinação e caminhava em sentido contestatório. Como nos informa o autor Georges Duby:

A heresia tirava sua força da atividade crescente das escolas, verdadeiros ateliês onde homens da Igreja de todas as idades meditavam as palavras da Escritura. [...] A heresia foi, na época, uma das formas de progresso em todos os setores. [...] A heresia recusava, dessa forma, todos os poderes. (DUBY, 1992, p. 52).

Em contrapartida, a Igreja, não podia deixar a heresia trilhar com liberdade diante do seu poder, assim como, do poder do Estado. Era preciso acabar com as revoltas e promover o conformismo e a obediência dos opositores. Para a Igreja, como autoridade, não havia motivo para a heresia triunfar. O momento, então deveria ser o da Paz e do silêncio. Conforme o autor Richards:

No século XIII, as autoridades já tinham decidido que havia chegado o momento de silenciar o tumulto de novas idéias e reintegrar ou eliminar movimentos religiosos dissidentes. (RICHARDS, 1993, p. 20).

Além das escolas, a heresia se misturava nos setores da sociedade que estavam revoltados com seu modo de vida. Vejamos o que Le Goff nos revela a esse respeito:

A forma suprema dos movimentos revolucionários teria sido a heresia. Está fora de dúvida que as heresias medievais foram, adotadas, mais ou menos conscientemente, por categorias sociais descontentes com sua sorte. (LE GOFF, 1995, p. 75).

Constatamos que a sociedade medieval viveu até o século XIV com sérias dificuldades para adquirir o controle de suas vidas, pois apesar da coragem para atuar contra a Igreja se viu diante de um mal tão perigoso quanto a perseguição desta Instituição que devastou grande parte da população isto é, a Peste Negra. Esta serviu de arma para combater a heresia pela Igreja Católica. Pois fora considerada pela própria um castigo de Deus pelo qual os dissidentes deveriam passar, já que praticaram o ato da desobediência. Foi um mal que assolou até mesmo os poderosos. Mesmo assim, a Peste Negra, foi mais bem monstruosa com os setores pobres da população européia. Segundo Philippe Wolff:

Onde existem, os recenseamentos são claros: o contágio devastava mais os bairros populares. Entretanto, os grandes deste mundo não foram poupados. Em Paris, o bispo Foulque de Chanac morreu em julho de 1349, a duquesa da Normandia, em outubro, e a rainha Joana da Borgonha, a 12 de dezembro. (WOLFF, 1988, p. 21).

Como vemos a doença era de cunho contagioso, principalmente a peste conhecida como pulmonar. Mas, existiram outros tipos de peste. A mais conhecida como já citamos, foi a pulmonar e além dela veio a bubônica, entre outras. No entanto, vale considerar o papel de devastação que a peste representou no século XIV em toda Europa, pois a mesma era transmitida de pessoa para pessoa. Com isso, ainda de acordo com Philippe Wolff:

A Peste Negra de 1348 associou duas formas da epidemia: a peste bubônica e a peste pulmonar. Esta última é contagiosa de homem para homem, sua incubação dura pouco, a evolução do mal é rápida: as chances de sobrevivência são ainda menores que no caso da peste bubônica. (WOLFF, 1988, p. 19).

A sociedade medieval passa mais uma vez por transformações, mas o momento é de desespero e de epidemias contrapondo-se com as perdas humanas promovidas diretamente pelas armas da Inquisição. Todavia, não podemos esquecer-nos das mudanças ocorridas no século XII e XIII que deram abertura para a heresia ganhar fôlego e espaço, prevalecendo numa certa conscientização por parte daqueles insatisfeitos com os moldes estabelecidos

pelo catolicismo. Assim, os cristãos viveram momentos atormentados por tal mal. Os ensinamentos dos representantes da Igreja almejavam o fim deste pecado. A heresia que muitos praticaram serviu de sinal para aproximar e dar vida aos discursos religiosos sobre o fim do mundo. O livro do Apocalipse continha a prova que os religiosos já proclamavam. O castigo estava chegando. Mesmo sendo avisados constantemente pela Igreja, de que o pecado devia ser trocado pela obediência e a aceitação dos mandamentos de Deus. Muitos homens e mulheres do Ocidente medieval cristão permaneciam com a prática da desobediência, da heresia. Mas, o Criador do mundo e dos homens que a tudo observa envia aquela que representará o castigo às mais variadas formas de infração cometidas contra Ele: A Peste Negra de 1348, para alcançar os homens, assim como, os Estados¹. Conforme Le Goff:

[...] Clérigos que, vendo escapar-se-lhes a sociedade das ordens, enfraquecem a nova sociedade dividindo-a, atomizando-a e dirigindo-a para a morte. Não veio a Grande Peste de 1348 na altura própria para mostrar que era vontade de Deus atingir todos os "estados"? (LE GOFF, 1995, p. 17).

Lançamos mão deste episódio tão marcante e desastroso ocorrido no século XIV: a Peste Negra, com o propósito de mostrar que esse terrível acontecimento, representou o fim da Idade Média, pois outras mudanças sociais, políticas e econômicas irão florescer na França. No entanto, nos estendemos até esse momento da História que simbolizou a maldição que caiu sobre as vidas de inúmeros europeus do ocidente medieval cristão, mais precisamente, a dos franceses que estamos prestigiando nesta análise. De acordo com Georges Duby:

[...] O ano de 1348. É neste ano que a Peste Negra invade a França, e dali para a frente nada mais seria como antes. [...] Ele assinala na realidade o fim de uma época da história, aquela que por simples hábito continuamos a chamar de Idade Média. (DUBY, 1992, p. 256).

Assim, como a Peste Negra, deixou profunda marca na sociedade francesa do século XIV. Focamos outra situação ocorrida mesmo antes deste

¹ Os Estados surgem como representação do pecado para Igreja. (LE GOFF, 1995, p.18)

período, isto é, a forte perseguição realizada pela Igreja, no combate definitivo da heresia que assim como a Peste promoveu inúmeras e violentas mortes. Esta durante muito tempo representava uma ameaça de certa forma, branda. De acordo com Gonzaga (1995, p. 152) “Durante meio século a Igreja manteve admirável paciência, enfrentando a heresia tão-só, com as armas da caridade, da pregação e da dissuasão pública.” A luta da Igreja na Idade Média contra a heresia precisava de uma arma mais eficaz. E neste caso, a Inquisição vai entrar em cena para contribuir radicalmente em prol da Igreja no combate e finalização violenta da heresia. Vamos nos dirigir no próximo tópico, à discussão gerada a partir da implantação da Inquisição na Idade Média, mas focalizando a região da França.

1.2- A INQUISIÇÃO FRANCESA NO MEDIEVO

A Igreja estava sendo perturbada por atos de pecado que subvertiam as regras por ela estabelecidas. Suas orações, seus pedidos de submissão, estavam longe de ser atendidos entre os franceses. A heresia se fortalecia sempre mais e a Igreja necessitava solucionar este grande problema. A mesma temia a perda do controle das suas almas. Então, a situação religiosa ficou muito mais complicada. Segundo o autor João Bernardino Gonzaga, na obra “A Inquisição em seu mundo”:

Na região sul da França, durante o século XIII, a situação religiosa se vinha tornando catastrófica. “Em todo o Midi, refinado e fértil”. O Cristianismo estava longe de ter conservado a intensidade de vida que ele possuía no norte. [...] A Igreja, em tal clima, se achava em plena decadência. (GONZAGA, 1994, p. 152).

Notamos que a região conhecida hoje como França, estava dividida de norte a sul no século XIII. Na região norte a Igreja detinha pleno controle das mentes e dos corpos das pessoas. Mas, é na região sul que ocorre o inesperado, pois era inadmissível para o Catolicismo medieval concordar com a diferença. A Igreja de Roma não aceitava que a população agisse por intermédio dos seus impulsos. Ela se via mergulhada num caos total, pois percebia que nem todos os franceses rezavam na sua cartilha. Assim, Anita Waingort Novinsky (1982, p. 10), na então obra sua, “A Inquisição”, revela que: “Em fins do século XIII a Igreja Romana sentiu-se ameaçada por uma série de críticas que estavam sendo feitas aos dogmas sobre os quais se apoiava a doutrina Cristã”.

A Igreja sentia cada vez mais próxima de si, a ameaça ocasionada pela heresia. Com isso, tomou a decisão de perseguir e combater a heresia, por meio da exclusão social. Os heréticos não podiam conviver com os verdadeiros cristãos, pois sua influência era tão perigosa que podia contaminar os “puros”. Assim, diante das ameaças dos heresiarcas, a Igreja que estava envolvida em receios, medos, hesitações, resolve afastar para longe de si, o perigo que

representava tudo aquilo que ela chamava de heresia. Segundo Le Goff (1995, p. 75) “Os hereges foram perseguidos e repelidos para os espaços de exclusão da sociedade, que sob o impulso da Igreja, foram cada vez mais bem delimitados no decurso dos séculos XII e XIII”.

Mesmo, afastados para as áreas periféricas da sociedade medieval, os hereges permaneciam infringindo as normas preestabelecidas pela Igreja Católica. No entanto, foram preparadas cruzadas a fim de bloquear as forças dos infratores. Estas não alcançaram seus objetivos e a heresia continuou a se alastrar, apesar dos esforços da Igreja Católica no medievo. Sendo assim, Gonzaga (1994, p. 152) afirma que “aos poucos, todavia, alarmando-se, os papas passaram a organizar cruzadas e a enviar representantes seus para enfrentar os rebeldes, mas os resultados foram praticamente nulos”.

Os resultados obtidos pela Igreja foram frustrantes, no que compete ao fim da heresia. Esta ainda mais reforçada fazia a Igreja tomar atitudes mais drásticas, combatendo os opositores. Para estes, os padres de cada localidade ganharam autonomia para lidar e combater com pulso firme. Aqueles considerados heréticos, por sua vez, corriam o risco de perder seus bens e ainda de ser excomungados, pois não podiam mais continuar fora da lei, que a Igreja criara para moldar ao seu modo os desejos, ações e atitudes de uma população que estava cansada de tanta opressão. Com isso, Testas relata que:

Assim, no 3º Concílio de Latrão (1179), Alexandre III decretou que era preciso opor a força aos hereges, confiscar-lhe os bens e reduzi-los à servidão. Era solicitada aos vigários que tudo fizessem para combater os inimigos da Igreja. (TESTAS, 1968, p.9).

Todavia, os perturbadores da ordem mantida pela Igreja, não pretendiam abandonar seus ideais, mesmo sob a perseguição desta. Para eles, seu modo de ser e viver representava a liberdade de escolha, a independência. Esta atitude estava longe de ser defendida pelos religiosos. Assim, se fortaleceram bem mais, e conseguiu tornar real, a implantação de uma lei bastante poderosa em prol do combate à heresia. Não temos a confirmação concreta da sua criação, mas sabe-se que foi implantada pelo Papa Gregório IX no ano de

1231. Esta lei a qual mencionamos tratava-se do Tribunal de Inquisição da Santa Sé. Conforme Gonzaga:

Seguem-se altos e baixos novas cruzadas vindas do norte do país, massacres, tudo em autêntico clima de guerra. Por fim, diante de ambiente tão conturbado e vendo a ineficácia dos bispos, Gregório IX, a partir de 1231, optou por criar a Inquisição, isto é, um órgão permanente e com independência perante as autoridades locais, mas subordinado diretamente à Santa Sé. (GONZAGA, 1994, p. 153).

A instalação deste órgão, opressor da heresia, trouxe terror para diversos homens e mulheres, pois muitas eram as regras a que a sociedade medieval deveria se submeter. E aquele que praticasse o crime de heresia era considerado um pecador. Este sendo condenado corria o risco de perder tudo para a Igreja, podendo ser, inclusive, expulso da sua cidade. A Inquisição se fortaleceu ainda mais mediante a união do Estado e da Igreja, aumentando assim, o poder da Santa Sé que tinha maior possibilidade de destruir os heréticos e tornar visível a paz e o conformismo, representados pelos ditames da Igreja Católica na Idade Média. Segundo Testas, na obra “A Inquisição”:

O senador de Roma Annibaldo [...] decretava que, todos os bens dos heréticos seriam confiscados e suas casas demolidas; aqueles que não os denunciassem seriam punidos com multas de 20 libras e exilados, caso não as pagassem. [...] A constituição do papa Gregório IX e a legislação do senador Annibaldo, formam o que se chamará: “Os Estatutos da Santa Sé”. (TESTAS, 1968, p. 16).

É nítida a eficácia destes Estatutos da Santa Sé, pois criava condições para os próprios vizinhos atuarem uns contra os outros. O temor à Inquisição ficava mais forte e provocava pânico nas pessoas. Os atos de heresia sofriam a perda da união e do apoio, diante daqueles cansados de comungarem com leis que os desagradavam e por isso eram vistos como “diferentes” e suas atitudes eram enquadradas como pecaminosas e sujas. A lei do livre arbítrio neste caso era vista como ilegal, já que, para ficarem do lado do bem, todos teriam que seguir os preceitos do Catolicismo medieval.

No ato em que foi instalado o Tribunal de Inquisição, a confissão era de vital importância. Assim, a condenação dirigida a um herético se conseguia através da confissão, muitas vezes, a mesma, fora arrancada à força por meio

de tortura. No início as consequências desta última não deviam causar danos graves e nem a morte do torturado. A tortura não deveria ser utilizada entre nobres, crianças e mulheres grávidas. Segundo Jeffrey Richards:

No século XIII, um acusado só podia ser condenado com base no depoimento de duas testemunhas oculares ou por confissão. [...] para obter confissão, as autoridades se voltaram para a tortura. [...] A tortura não devia causar morte ou dano permanente, e o clero, os nobres, as crianças e as mulheres grávidas estavam isentos. [...] A confissão tornou-se uma peça central dentre os meios de que dispunha a Igreja para aperfeiçoar o controle sobre a vida espiritual do laicado, [...] (RICHARDS, 1993, p. 24).

A tortura, meio pelo qual se obtinha a confissão de um herético, não se destinou apenas aos leigos. Muitos dos membros da Igreja, descontentes com o clima de guerra ocasionado por ela, procuraram fugir e viver como aqueles simpatizantes e integrantes das seitas. Alguns padres sofreram as perseguições e torturas da Inquisição. Até o ponto da condenação com a pena de morte. Eles foram condenados, então, a queimar vivos em fogueiras. Ao se tornarem heréticos, a Inquisição não tinha outra alternativa que a condenação e tornar os corpos dos revoltosos, mesmo que pertencentes à Igreja, transformados em pó. Assim, continuando com Jeffrey Richards:

Os primeiros heresiarcas da época eram eles próprios Clérigos renegados: o monge Henrique de Lausanne e o padre Pedro de Bruys. [...] Ambos permaneceram em liberdade por trinta ou quarenta anos, errando pelo sul da França e instigando sentimentos contra a Igreja, até que finalmente foram detidos e encarcerados. Pedro morreu na fogueira, e Henrique morreu na prisão. (RICHARDS, 1993, p. 56).

Os diversos “praticantes” de heresia, quando “descobertos” pela Igreja Católica, ou seja, pelo Tribunal de Inquisição, eram obrigados a confessar seus pecados, mesmo sem tê-los cometidos. A Igreja precisava de culpados e bastava uma simples denúncia para tirar o indivíduo acusado, dos seus afazeres. Como vemos os investimentos da Igreja para dar fim na heresia, estavam, alcançando o êxito que tanto, a própria procurava. Mas os méritos são mesmo do órgão pertencente ao Tribunal de Inquisição da Santa Sé, implantado na França. Este imenso poder trazia a tona a decadência e a repressão dos muitos considerados infratores da desobediência a Deus. Assim,

a superioridade da Igreja ganhava mais ênfase, na guerra contra os hereges. Neste caso, Roger Chartier comenta como se dá as representações desse poder empreendido:

É certo que as representações do poder soberano se insinuam em muitos dos textos e dos objetos que povoam o cotidiano da maioria. Pode pensar-se que são eles, melhor do que as séries de imagens mais convencionais ou do que os escritos de circunstâncias, que modelam o amor dos povos pelos reis e cimentam a crença na autoridade dos príncipes. (CHARTIER, 1990, p. 198).

A grande preocupação da Igreja na Idade Média foi a de fixar e manter seu poder divino, perante os fiéis. Seu poder ilimitado garantia o controle sob qualquer forma de atuação das pessoas na Idade Média. A modelagem das mentalidades na sociedade medieval, não fora única prioridade da Igreja. A fiscalização, só e propriamente dita, da maneira que os indivíduos pensavam, não seria o bastante, caso o corpo estivesse mergulhado no pecado, principalmente, o da carne. Assim, o lado sexual dos seres humanos carecia de “cuidados” também. A Igreja determinava a condição, na qual se podia usar a sexualidade, ou com quem se envolver sexualmente. A Idade Média, desse modo “via” o fator sexual com certo desprezo e repugnância. Pois o sexo, de certa maneira, estava relacionado às práticas demoníacas. Sendo assim, a “heroína” Igreja Católica entraria em ação para controlar a atuação sexual das pessoas. Como o autor Jeffrey Richards nos situa:

Foi a Igreja, a força dominante na vida moral e espiritual das pessoas na Idade Média, que tomou a iniciativa de especificar que atos sexuais as pessoas poderiam se permitir e de regulamentar onde, quando e com quem o sexo poderia ter lugar. (RICHARDS, 1993, p. 33).

A Igreja Católica com sua profunda força de dominação, baseada nos ideais cristãos, promovia o fim das heresias, de modo a atingir o seu alvo primordial: o Diabo, que devia ser combatido. Porém, as pessoas consideradas heréticas, na maioria das vezes, não eram aliadas do mal. Elas buscavam o fim da dominação da Igreja e pretendiam que esta se transformasse, abandonando a corrupção. Segundo Jeffrey Burton Russell (1993, p. 44), na obra “História da Feitiçaria”, “As mais antigas heresias da Idade Média estavam longe de ser

diabólicas; pelo contrário, elas caracterizavam-se, em um fervoroso desejo de reforma moral da Igreja”.

Constatamos que as pessoas visavam uma renovação dos moldes configuradores da Igreja Católica e por isso seguiam o rumo da heresia. No entanto, a liberdade de escolha, não era bem vinda na sociedade medieval, pois sua liderança era a representação de uma Igreja dominadora e capaz de manobrar com eficiência a mentalidade dos indivíduos. A Igreja fazia uso do seu poder, para modelar a sociedade, através de palavras que ao serem proferidas iam bem fundo nas mentes das pessoas que, por sua vez, construíam sua forma de vida, bem como, sua maneira de ver o mundo, de acordo com o predeterminado pela mesma. A violência então seria o método eficaz de confirmação dessas idéias. Assim, a sociedade medieval estava mergulhada num poço de medo causado pela Inquisição. Acerca do poder das idéias na conformação de um sistema de valores e crenças, Chartier coloca:

As idéias, apreendidas por meio da circulação das palavras que as designam, situadas nos seus enraizamentos sociais, pensadas na sua carga afetiva e emocional, tanto quanto no seu conteúdo intelectual tornam-se assim, tal como os mitos ou os complexos de valores, uma dessas “forças coletivas pelas quais os homens vivem o seu tempo” e, portanto, uma das componentes da “psique coletiva” de uma civilização. (CHARTIER, 1990, p. 43).

Na sociedade medieval francesa, a opção por seguir seus próprios ideais equivalia à fuga, como também em qualquer outra localidade deste período. As pessoas vistas como “diferentes” sofriam as conseqüências por nascerem ou se tornarem “desigual” do restante da população. Com isso, o medievo ocidental, além de ser marcado pela grande religiosidade, também se destacou, como um período de profunda exclusão social, no qual, judeus, leprosos, mulheres, a exemplo, foram responsabilizados por provocar o “mal” para o restante dos habitantes. Como notamos, o fato de serem “diferentes” representava um perigo. E este deveria ser combatido. Para isso, a Inquisição foi acionada. Os judeus e os leprosos em particular, se tornaram uma forte “ameaça” para a população do medievo, bem como, para a Igreja com seus moldes estimuladores de uma sociedade hegemônica. De acordo com Le Goff (1995, p. 82): “Depois da grande fome de 1315-1318, os judeus e os leprosos

foram perseguidos em toda a França, sendo alvos da suspeita de terem envenenado os poços e as fontes”.

Mesmo que a heresia representasse uma simples suspeita, o poder da Inquisição não passava despercebido. Tratava-se imediatamente de frear e suprimir até mesmo os casos não confirmados de heresia. Em alguns setores da França, onde a incidência de casos de pessoas tidas como heréticas foram mais elevados, a Igreja tratou logo de instalar mais de um tribunal. Estes tribunais espalharam o pânico e as mais horrendas barbaridades, com os humanos considerados hereges. Vejamos o que Gonzaga nos declara:

A partir de 1234, três tribunais se instalam, em Tolosa, Carcassonne e Provença. A severidade é grande, centenas de hereges são levados à fogueira e se desenterram os cadáveres de outros que, expostos em cortejos pelas ruas, são queimados. (GONZAGA, 1994, p. 154).

A intensidade pela qual a Inquisição agiu diante dos heréticos, se tornara absurda. Nem ao menos, os mortos se livraram, acabaram sendo retirados de suas covas e ainda queimados. Isso gerava um clima de tensão e aumentava com mais fervor, o medo na população. Testas (1968, p. 25) confirma o que anteriormente Gonzaga retratou que: “Os inquisidores tendo-se dirigido a Cahors instruíram processos póstumos e certo número de cadáveres, depois de terem sido passeados pela cidade arrastados numa grade foram queimados”.

Os delegados responsáveis pela Inquisição promoveram um verdadeiro clima de guerra contra aqueles nomeados como heréticos, pois estes não estavam dispostos a comungarem com as decisões tomadas pela Igreja. Porém, viviam sob o olhar desta última através de seus vizinhos que os vigiavam. No momento em que deslizavam, alguns destes podiam os delatar para os inquisidores. Os delatores podiam agir com frequência, pois estavam protegidos pela Inquisição. Aqueles declarados culpados por heresia, quando delatados jamais ficavam sabendo quem os havia entregado. Como percebemos esta tática favoreceu a muitas condenações. Segundo Anita W. Novinsky (1982, p. 20): “Os denunciadores ficavam situados completamente

fora de perigo, pois aos prisioneiros jamais era dado conhecer os seus nomes. Assim, o delator tinha campo aberto para trabalhar”.

Diante da afirmação da autora Novinsky, damos conta de que o tribunal podia agir sempre com contribuição das denúncias empreendidas pelos próprios habitantes. E na França, apesar desse mesmo não ter sido implantado da maneira com que foi em Roma, não ficou impedido de cometer verdadeiras atrocidades com os franceses divergentes. A mentalidade das pessoas que viviam na França passara pelos ideais impulsionados pelos intelectuais que surgiram no século XII, trazendo discussões dos antigos filósofos, bem como, dos textos da sagrada Escritura. Sendo assim, observamos e compreendemos o motivo pelo qual a Inquisição não conseguira se instalar concretamente. Porém, foi na mesma região que esta mais enviou pessoas para serem queimadas em fogueiras. De acordo com Alcides Conejeiro Peres, na obra “A Inquisição e os Instrumentos de Tortura da Idade Média”:

A França foi o único grande Estado Católico no qual o tribunal jamais conseguiu se instalar, apesar de a Inquisição ter nascido e se desenvolvido ali. [...] Parece mesmo que ficaram indelevelmente marcados na população, nas primeiras décadas do século XIII, os horrores e a carnificina dos exércitos cruzados nas práticas contra os albigenses. (PERES, 1998, p. 99).

A Inquisição não servira de arma em prol dos interesses da Igreja unicamente. O Estado francês também se valeu dos recursos inquisitoriais. O rei Filipe o Belo, da França, estava em busca da obtenção de recursos financeiros e encontrou uma saída. Aliando-se a Igreja, este acabaria atingindo seus objetivos. Havia uma ordem composta apenas por homens, isto é, a Ordem dos Cavaleiros Templários. Como notamos se tratava de uma espécie de movimento medieval que acoplava apenas homens. Estes ao longo dos anos constituíram imensa fortuna que provocava a cobiça nos olhos do rei da França. Os cavaleiros, sob a mira do rei e da Igreja, foram presos por acusações inventadas e injustamente condenados no final do século XIII. Segundo Gonzaga (1994, p. 155): “Presos em fins de outubro de 1307, cento e trinta e oito deles são interrogados sob tortura, em virtude das quais trinta e seis morrem e os restantes confessam os crimes que lhe são imputados”.

Notamos a presença marcante nos processos inquisitoriais da tortura que atuou em todos os casos com o propósito de fazer os “réus” confessarem seus “crimes”. Mesmo sem nunca os terem cometidos. Eram lançadas inúmeras perguntas a que o interrogado devia responder. Na medida em que as perguntas eram feitas o medo aumentava e os heréticos acabavam confessando aquilo que não havia jamais ocorrido. A eficiência dos tribunais de Inquisição provocou a morte de milhares de inocentes. Concordamos com Jeffrey Burton Russell ao dizer que:

Os manuais dos inquisidores apresentavam listas das perguntas que tinham de ser feitas aos acusados, e o medo da tortura ou a própria tortura obtinham confissões como as de 1387-88 na Lombardia. [...] Como a crença e as confissões se reforçavam mutuamente, o número de julgamentos cresceu de forma extraordinária, sobretudo na França [...] (RUSSELL, 1993, p. 63).

As vítimas que passaram pelos processos inquisitoriais se multiplicavam a cada dia, apesar de envoltos num ambiente caracterizado pelo medo e o pavor, ainda assim, as heresias continuavam a manterem-se vivas e atuantes.

Além da perseguição a homens como os “Cavaleiros Templários”, a Inquisição condenou e levou à fogueira muitas mulheres, que levavam em vários casos a condenação por heresia. Esta prática representava a busca pela introdução na sociedade francesa, pois, só os homens podiam obter espaço.

Discutiremos esse aspecto no próximo tópico, reservado ao estudo da representação da mulher na Baixa Idade Média da França.

1.3- A MULHER NA SOCIEDADE FRANCESA MEDIEVAL: DA SUBMISSÃO À ASCENSÃO

A mulher na sociedade medieval desempenhava um papel secundário. O lugar de destaque estava reservado para os homens. Estes por sua vez, encaixavam as mesmas num lugar que representava mais um dos ornamentos da casa. Além de serem vistas como meras figuras ornamentais eram obrigadas a cumprir às ordens determinadas pelo sexo masculino. De acordo com o autor R. Howard Bloch em seu "Misoginia Medieval" (1995, p. 63): "A representação da mulher como ornamento é parte integral de um paradigma mais amplo, ou que a sua imaginada posição secundária é equiparada àquela da atividade simbólica".

Na Idade Média ser mulher, por si só, é suficiente para que o indivíduo esteja sob suspeita, pois, pairava sobre a mesma, um ar de mistério. O fato de dar a luz fazia delas algo sombrio, demoníaco. Mas, por outro lado, havia algumas mulheres fora de suspeita, ou seja, as que foram submissas, obedientes ao homem, essas sim seriam o modelo ideal incentivado pela Igreja e pela sociedade do masculino. Para esta última, a mulher "perfeita", correspondia àquela que desempenhava o papel de boa esposa, a matriarca, a mulher que vivia a sombra do homem. E nesta sociedade a mulher é inserida como participante através do casamento. Ato que a tornava integrante do meio social. Era um meio em que apenas os homens tinham liberdade de decisão e de atitude. Conforme Georges Duby (1989, p. 97): "A mulher só alcança existência jurídica, só entra na vida, casada, e ela sobe um degrau suplementar quando, no casamento, realiza aquilo para o qual foi tomada por um homem, quando dá à luz".

O casamento se tornará assim, uma ótima razão para a mulher sair da condição de anônima e excluída, para se tornar a esposa. Neste caso, esta estará desempenhando o papel a ela destinado pela sociedade, que vai ser bastante influenciado pela Igreja. Com isso, há uma condição para o feminino sob respaldo da Igreja. O autor R. Howard Bloch (1995, p. 43) reflete a questão

da noção de mulher na Idade Média evidenciando que: “A noção da mulher como uma espécie do homem, e a da esposa como uma espécie da mulher, serve ideologicamente para naturalizar a sentença paulina de que *o homem é a cabeça da mulher*”.

É nítida a confirmação de que o papel da mulher, na Idade Média Ocidental cristã representou o de serva do homem. Este se interessava pela esposa em busca da procriação, coisa que biologicamente apenas ela poderia fazer. E como não podemos deixar de mencionar os homens também queriam e exigiam a total submissão delas. Assim, nesta época a saída para muitas mulheres seria o casamento, pois, este faria delas membro da sociedade medieval cristã. Em uma sociedade que vivia dos acordos entre as famílias, a mulher seria a “moeda de troca”, como um cordeiro levado para o abate. O autor José Rivair de Macedo (1990, p. 15) em seu livro “A mulher na Idade Média” nos mostra que: “O casamento era, antes de tudo, um pacto entre duas famílias. Nesse ato, a mulher era ao mesmo tempo doada e recebida, como um ser passivo. Sua principal virtude, dentro e fora do casamento, deveria ser a obediência, a submissão”.

As duas características que as mulheres eram obrigadas a inserir em suas vidas eram a obediência e a submissão. Pois, tanto a sociedade quanto principalmente a Igreja, separou para elas a exclusão que ocorria mediante os próprios discursos cristãos, que não lhes davam espaço algum. Os próprios sermões proferidos nas igrejas, não eram proclamados por vozes femininas, mas por homens. O Cristianismo aproveitava trechos bíblicos para conter as mulheres e trazer-lhes conformação, já que, nada é mais convincente do que um poderoso escrito para legalizar seus discursos excludentes. E assim, fazer delas, meros “objetos figurativos”. Ainda segundo Macedo (1990, p. 19): “A mulher era vista pelos religiosos como “naturalmente” inferior ao “sexo viril”. Deus havia criado primeiro o homem. Ele foi criado à imagem e semelhança do Todo Poderoso”.

Como Deus criara primeiramente o homem à sua imagem e semelhança, à mulher cabia o lugar de secundária. Sendo assim, não era na Igreja que elas iriam encontrar espaço de poder, apenas de integração naquilo

que lhes reservavam. Conforme Georges Duby (1989, p. 97) na obra “Idade Média, Idade dos Homens do Amor e outros Ensaio”: “As mulheres no Cristianismo medieval permanecem excluídas do ministério e, em particular, do ministério da palavra. Os sermões saem todos de bocas masculinas”.

O que, a nosso ver, era mais pesado para as mulheres, era a força intensa do discurso medieval cristão, este se referia com constância à passagem da Bíblia que retrata a Criação do homem. Este último havia sido feito pessoalmente por Deus, enquanto que a mulher fora feita de uma costela retirada do mesmo. Percebemos então, a simbologia religiosa marcante no processo de representação da identidade feminina, ou seja; a mulher por natureza e origem, a partir do discurso sagrado, exaltado na Idade Média, devia ser considerada e atuar como um ser inferior ao homem. A mulher, no entanto, devia obedecer e fazer o que o homem determinasse. De acordo com o autor Jeffrey Richards (1993, p. 37) no seu “Sexo, Desvio e Danação as Minorias na Idade Média”: “A esposa havia sido feita da costela de Adão para ser a companheira amorosa de seu marido. Eles eram iguais em espírito, mas na carne o marido era superior à esposa, e ela deveria obedecê-lo”.

A obediência representava o poder do homem em relação às mulheres, pois o mesmo adquirira tal direito, comprovado nas leis da Sagrada Escritura. Ao homem cabia o governo dele próprio, da sociedade e do feminino. Portanto, as mulheres tinham que se submeter, obedecendo e sendo governadas pelos maridos. Como vemos, a relação de marido e mulher na Idade Média devia ser hierárquica. Mas, além disso, havia a relação de amor. Vejamos o que Duby nos revela:

A mulher deve ser governada. Essa certeza encontra seu apoio nos textos da Sagrada Escritura e propõe a imagem exemplar da relação homem-mulher. Essa relação deve ser hierárquica, tomando o seu lugar na ordem hierárquica universal: o homem deve sujeitar as mulheres que lhe são confiadas, mas amá-las também, e as mulheres devem ao homem que tem poder sobre elas a reverência. (DUBY, 1989, p. 96).

A superioridade do homem em relação à mulher era confirmada e legalizada pelo poder religioso conferido aos padres, por exemplo. Com isso, a condição do feminino na Idade Média era voltada também para o corpo da

mulher, no sentido do estético. Para os teólogos a beleza da mesma, os adornos e os cosméticos que utilizara; tiravam a concentração e chamava a atenção dos homens, de modo a fazer os próprios seguirem o caminho errado, o do pecado que a Igreja medieval condenava. Esta instituição a partir disto representava a mulher como uma pecadora. Aquela que desde o princípio, desde a “Criação do mundo e do homem”, “descobriu” o pecado e fez com que o seu companheiro “virasse” vítima. Esse pensamento misógino amplia ainda mais a aversão dos clérigos pelo feminino. Portanto, como o homem foi a criação primordial de Deus e a mulher feita em segundo plano de parte do homem, a importância dela devia ser a de inferior mesmo. De acordo com R. Howard Bloch:

O domínio da estética é teologizado com o resultado de que tudo o que pertence ao domínio do feminino ou da estética é desvalorizado dentro de uma perspectiva ontológica segundo a qual somente aquilo concebido como existindo para além da carne, e, portanto rotulado de masculino, é que pode reivindicar uma Existência completa. (BLOCH, 1995, p. 64).

Para o discurso cristão, apenas o homem podia almejar uma existência completa, pois ele não fora concebido da carne, mas fora moldado e aperfeiçoado pelas “próprias mãos do Criador”. Ainda conforme Bloch (1995, p. 65). “A misoginia em nossa cultura consiste de uma série de associações específicas entre o estético e o feminino, que em essência transforma a mulher em um texto a ser lido, e apropriado”.

Para a Igreja na Idade Média, a mulher devia ser propriedade do marido, pois este adquiria tal direito desde a criação do mundo. O homem podia ter o poder sobre a mulher, já que a condição de secundária destinada a ela fazia com que sua vida fosse inteiramente regada pela submissão. De acordo com Macedo:

Na relação conjugal, elas viam reproduzidas as formas de poder das relações feudo-vassálicas. As expressões de amor ou afeto nem sempre estiveram presentes nas uniões. A concepção ético-social do amor não se identificava com os compromissos e juramentos constantes nessa forma de casamento. (MACEDO, 1990, p. 16).

A submissão e a obediência faziam parte das regras estabelecidas pela Igreja, destinadas às mulheres. Porém, havia algumas que davam mais valor ao poder da liberdade do que ao poder dos homens. Assim, muitas delas abandonavam a “proteção” destes últimos e se dirigiam aos movimentos contestatórios desse modelo de pensamento. Nestes movimentos elas obtinham a oportunidade de poder expor suas idéias, seus desejos e suas opiniões. Para estas mulheres a vida estabelecida a partir de um ideário de que a Igreja era elaboradora não as atraíam, pelo contrário. No entanto, havia nos movimentos heréticos, um lugar destinado a elas, no qual tal quais os homens elas podiam atuar. Assim, era nas seitas que as mulheres encontravam espaço para se expressarem e se sentirem importantes. Nas seitas², como a dos valdenses e a dos cátaros, a mulher ocupava as mesmas posições dos homens. Como nos mostra o autor Jeffrey Richards (1993, p. 80): “As mulheres acharam que podiam ganhar *status* e autoridades nas seitas heréticas. Tanto os cátaros quanto os valdenses deram direitos iguais às mulheres em seus movimentos, como membros”.

As mulheres que eram contrárias aos ideais medievais cristãos, como o de conformação, se destinavam a viver “fora” da sociedade medieval cristã, pois a Igreja Católica na Idade Média atuava como controladora e dominadora das mentes e dos corpos, não abençoando tal atitude contestadora. Assim, devido a este controle tão profundo, algumas mulheres preferiram fugir da repressão dos homens e da Igreja. Esta que reprimia até o prazer sexual delas. Diante disto, a própria posição em que as mulheres deviam se situar durante a prática sexual, era de submissão. As mesmas, até praticando sexo, deviam permanecer obedientes e submissas, ou seja, durante o ato sexual, a mulher tinha que ficar por baixo do homem sempre. As demais práticas sexuais eram condenadas por serem consideradas extravagantes demais e a Igreja recriminava. De acordo com José Rivair de Macedo:

² Seitas- no segundo capítulo evidenciaremos três seitas que atraíram as mulheres na Idade Média. (Catarismo, Valdenses e Beguinas)

O contato carnal era rigorosamente disciplinado. Deveria ocorrer na posição natural, com a mulher deitada de costas e o homem sobre ela. Todas as demais posições eram consideradas escandalosas. A mulher não deveria demonstrar sensação de prazer. Deveria manter-se passiva durante todo o ato. (MACEDO, 1990, p. 20).

As práticas sexuais eram consideravelmente controladas na Idade Média, a mulher era então, a primeira a ser vigiada pela Igreja, pois ela carregava o peso do pecado desde a sua ancestral Eva, que segundo a Bíblia foi a primeira mulher que existiu na Terra. Notamos que na Idade Média, o poder da Igreja Católica só se multiplica. E o fator sexual é seu alvo principal, pois, a própria Bíblia trata da questão com repugnância e condenação. Vejamos o que Le Goff nos informa em sua obra "O imaginário Medieval":

Não é que a expressão "pecado da carne" fosse freqüente na Idade Média. Mas é visível, a seu respeito, o processo que ao longo de toda a Idade Média, por deslizamento de sentido, pôs a autoridade suprema, a Bíblia, ao serviço da justificação da repressão da maior parte das práticas sexuais. (LE GOFF, 1994, p. 158).

Assim, em meio à tamanha repressão, algumas mulheres viam-se presas, por todos os lados, pois a Igreja mantinha os seus fiéis sob constante vigília. E todos deviam obedecer a esta Instituição. Esta obediência e fidelidade eram cumpridas rigorosamente, pois, no caso do ato sexual fugir às regras, logo elas teriam que sofrer as conseqüências. A Igreja podia lhes castigar severamente. Com isso, percebemos que a relação que marido e mulher deviam ter durante o ato sexual era a prescrita pela Igreja Católica. A mulher, neste caso, permanecia evidentemente no lugar de submissão, enquanto o homem é mantido na posição de "superior" à esposa. Esta superioridade masculina estava sob o aval da Igreja. Conforme, Jeffrey Richards:

A Igreja prescrevia a forma apropriada da relação. A única permitida era a que se conhece hoje em dia como "a posição do missionário", frente a frente com o homem por cima e a mulher embaixo. Todas as outras variações eram punidas. (RICHARDS, 1993, p. 40).

Na Idade Média a sexualidade não era vista com aprovação pelos representantes da Igreja Católica, pois era preciso mantê-la sob controle e vigilância. A indicação desta instituição seria então, o casamento como meio de

obter o cumprimento de suas regras, destinadas às práticas sexuais. No entanto, o sexo em si só era permitido se o objetivo fosse o de procriar, pois caso contrário, o mesmo ato era visto como um pecado. O prazer sexual neste momento era digno de condenação, um marido que praticasse sexo com sua esposa por mero prazer estaria cometendo um pecado. Assim, notamos que a única forma autorizadora da prática sexual se voltava para a procriação. Ainda conforme Richards:

A sexualidade, segundo os ensinamentos cristãos, era dada às pessoas exclusivamente para os objetivos de reprodução e por nenhum outro motivo. [...] O sexo não deveria ser usado por mero prazer. [...] Os teólogos medievais enfatizaram que era um pecado mortal fazer amor com a esposa unicamente por prazer. (RICHARDS, 1993, p. 34).

A mulher ideal, representada na imagem da esposa, tinha como obrigação apenas a procriação. A Igreja não permitia que sentisse prazer, nem ao menos com seu marido. Mas, esta mulher que se encontrava no seio de seu lar, adequada aos moldes estabelecidos pela sociedade medieval, vivia numa condição “segura”, na qual ela estava sob a proteção da Igreja, da sociedade e principalmente protegida pela tutela do seu marido. Para a mesma havia diversas regras, como já mencionamos e sua obrigação era a procriação. Além do cuidado com a casa, bem como, dos filhos. Elas estavam “proibidas” de expressar seus prazeres, de dar suas opiniões, além de não ter vida própria. Assim, as mulheres na sociedade medieval eram representadas como pertencentes aos homens.

Por outro lado, na sociedade medieval não havia apenas esse tipo de mulher “protegida e pertencente ao homem”. Outros modelos de feminino coexistiram com esse modelo central. Muitas mulheres buscavam outra forma de vida, pois viviam sem maridos, excluídas da sociedade e extremamente observadas. Essas mulheres sem maridos se envolveram em uma vida paralela à estabelecida pela Igreja Católica. Elas eram vistas como sendo “diferentes” das demais. Por isso eram afastadas e isoladas do seio da boa sociedade medieval. No entanto, não tinham casa, mas moravam em casas escolhidas para as mesmas. Muitas caminhavam para o lado da prostituição e

outras se tornavam adeptas às seitas como é o caso das beguinhas³. E outras, ainda, seguiam vida religiosa dedicando-se as coisas da Igreja. De acordo com Georges Duby:

Quanto a essas mulheres solitárias, a sociedade se esforça por reuni-las em instituições de isolamento e de proteção, organizadas igualmente como “casas” alternativas: são os mosteiros, as comunidades de beguinhas, mas também os bordéis. (DUBY, 1989, p. 97).

Na Idade Média, uma mulher sem marido, deveria ficar isolada da sociedade, num lugar à parte, pois elas representavam o “incomum”, a exceção. Porém, havia certas mulheres que mesmo sem a proteção de um homem, adquiriram *status*, na sociedade medieval, ou seja, algumas viúvas. Estas quando seus maridos faleciam e os filhos ficavam pequenos, a responsabilidade da casa e dos negócios da família, ficava sob sua administração. Elas também representavam, de certa maneira, a fuga, almejada por outras, pois obtinham o direito de assumir o papel do homem, numa sociedade misógina. A mulher viúva, neste caso exercia as funções do marido apesar da inexperiência. Muitas se tornaram líderes naquela época. De acordo com o autor José Rivair de Macedo:

Muitas mulheres, rompendo as disposições dos costumes, exerceram os direitos de um senhor feudal. Consequentemente foram verdadeiras líderes, mais ou menos poderosas, de acordo com a extensão dos domínios sob sua posse. Geralmente eram viúvas, tutoras dos filhos menores. (MACEDO, 1990, p. 31).

A Idade Média, não apenas discriminou o feminino constantemente. Muitas delas situadas na região, hoje conhecida como França, tiveram seu espaço. Este último foi obtido à custa de muita luta, pois, em uma sociedade de homens a aceitação de mulheres ativamente inseridas nos espaços a eles reservados não era algo fácil. O sucesso destas era, de certo modo, prejudicial a eles. Algumas enfrentaram muitas dificuldades para fixarem-se como senhoras feudais, inclusive, entraram com processos criminais para conseguir

³ As beguinhas eram mulheres pertencentes ao movimento herético beguinos, ligados ao espiritualismo. No próximo capítulo, nos deteremos melhor a este caso.

que seus direitos fossem garantidos. No entanto, nos deparamos com as dificuldades de estabelecimento do feminino, mesmo adquirindo a obtenção da legalidade dos seus direitos, elas sofreram ainda para manter o seu “poder”. Assim, ainda com Macedo:

Na França existiram pequenas e grandes senhoras feudais. Na região da Champanha, entre 1152 e 1284, de 279 possuidores de domínios territoriais, 58 eram mulheres, damas ou moças. [...] Não nos admira encontrar, na série de inquéritos judiciais ordenados por São Luís na segunda metade do século XIII, as reclamações de inúmeras pequenas faudatárias pedindo indenizações pelos abusos cometidos pelos oficiais do rei. (MACEDO, 1990, p. 32).

Na sociedade da Idade Média, as mulheres que adquiriram o lugar de atuação masculina representavam uma minoria, pois para a grande maioria o que restava era o casamento e, neste, seu dever era o da procriação e não o de assumir a cena central da vida do casal nos vários domínios. Aquelas que desejassem um cargo público estavam explicitamente proibidas, pela própria Igreja que justificava tal proibição, por causa do pecado cometido por Eva no início, quando Deus criou o homem. Os cargos públicos, as funções de advogados ou juízes estavam destinadas, então, exclusivamente, ao homem. Para o autor Richards:

Legalmente, uma mulher não podia ter cargo público ou servir como comandante militar, advogado ou juiz. A lei secular justificava tal proibição com base no fato de que as mulheres eram por natureza frívolas arditosas avarentas e de inteligência limitada. A lei eclesiástica justificava isso com base no Pecado Original. (RICHARDS, 1993, p. 36).

Os prelados, além de considerarem as mulheres com pouca inteligência e incapazes de assumirem um cargo público, também as viam com desconfiança. Todavia, escreviam romances em homenagem a elas. Neste caso, havia uma intenção da Igreja que explicaria esta atitude. Assim, apesar de reverenciá-las, os representantes da Igreja, o faziam em prol da garantia dos seus próprios interesses. Por conseguinte, os clérigos, sabiam que mesmo as esposas bem casadas, submissas e obedientes, desempenhavam forte influência sobre os homens, seus maridos. Elas conseguiam alcançar seus objetivos por meio do convencimento, da palavra proferida no momento

oportuno. A Igreja, por sua vez, sabia bem como tirar proveito da situação, aproveitando-se da “pouca”, mais, eficaz, inteligência feminina, para receber regalias destes importantes senhores que procuravam agradar suas esposas deixando-as felizes. Assim, estas eram representadas nos livros escritos pelos religiosos como verdadeiras princesas. Com isso, serviam de ponte entre a Igreja e o poder dos senhores de terra. Segundo Georges Duby em sua obra “Eva e os padres Damas do século XII”:

[...] esses bispos, esses abades, como os romancistas e os poetas quando dedicavam suas obras a princesas, contavam com suas correspondentes, sobretudo para obter os favores de seu marido, para que ele fizesse justiça, lhes outorgasse tal privilégio, tal vantagem. (DUBY, 2001, p. 88).

A mulher na Idade Média apesar de submissa e governada pelo homem, desempenhava forte poder de convencimento e sabia se impuser para adquirir suas vontades. No entanto, a Igreja não ficava alheia à forma que as mulheres bem casadas, conseguiam que os seus objetivos fossem alcançados, a mesma sabia o quanto os homens eram influenciados por suas esposas. Assim, como estava em busca de vantagens para confirmar e manter ainda mais o seu poder sobre os fiéis, a Igreja usufruía das ofertas generosas dos senhores feudais por intermédio de suas senhoras, que em troca, evidenciava as mesmas em seus romances, com lindas histórias, nas quais elas eram representadas como princesas. Acerca destes discursos que a Igreja proferia para obter privilégios perante os senhores feudais, nos apropriamos da idéia do autor Roger Chartier em sua obra “A História Cultural entre Práticas e Representações”:

Compreender as séries de discursos na sua descontinuidade, desmontar os princípios de sua regularidade, identificar as suas racionalidades particulares, supõe em nosso entender ter em conta os condicionamentos e exigências que advêm das próprias formas nas quais são dados a ler. (CHARTIER, 1990, p. 133).

As práticas que a Igreja direcionava a seu favor eram diversas. Podemos as representar como o vento que está envolto por todos os lugares, sendo que “nada” acontecia sem o seu parecer. A sociedade medieval do ocidente estava à mercê, sem sombra de dúvida, da Igreja cristã ocidental. Esta, por conseguinte sabia bem assegurar seus interesses, seja no combate à

seus opositores, por intermédio da Inquisição, seja garantindo a manutenção de seus benefícios através dos senhores feudais que, indiretamente, promoviam para os religiosos a obtenção das regalias que desejavam. Sendo estas conseguidas mediante seus discursos convincentes dirigidos às certas mulheres que acabaram, ao seu modo, fazendo seus maridos acatar seus pedidos em prol do favorecimento da Igreja.

Contudo, desenvolvemos neste primeiro capítulo uma singela amostra, de como a Igreja sabia garantir a fixação do seu poder e assim adquirir meios para burlar os “obstáculos” que podiam derrubar, de alguma maneira, seu imenso poder. A França foi a localidade que teve uma forte incidência de pessoas consideradas heréticas pela Igreja. Na mesma região, esta última, teve mais dificuldade, pois sua capital Paris estava, no século XII, mergulhada de intelectuais que propiciaram fortemente o advento da heresia. Assim, a Igreja obteve ajuda da Inquisição para sanar o perigo representado pelos hereges.

Por outro lado, as mulheres, em boa parte, se viam discriminadas e buscavam um meio de inclusão social no ambiente das heresias, cometidas pelas seitas, que as tornavam “semelhantes” aos homens. Porém, havia aquelas que após se tornarem viúvas conseguiam chegar até o “lugar” dos homens, obtendo o “poder” de ser uma senhora feudal.

Por sua vez, o século XII, no Ocidente medieval fora marcado por importantes transformações, no que se refere à economia e a educação, por exemplo, pois surgiram as universidades com novos métodos de ensino. E surgiu a burguesia promovendo um novo sistema de comércio dos produtos, através do uso do dinheiro. No entanto, as mudanças deixadas pelo novo sistema de educação, como: a implantação da lógica e da argumentação nas aulas possibilitou o avanço das heresias. A partir desse avanço, a Igreja se viu prejudicada na França, principalmente, e assim, por meio do Tribunal de Inquisição desenvolveu uma imensa mortandade nesta localidade.

SEGUNDO CAPÍTULO

O LUGAR DO FEMININO NOS MOVIMENTOS HERÉTICOS: CATARISMO, VALDENSES E BEGUINAS

O presente capítulo tem como objetivo, “transportar” o leitor para o período em que a mulher buscava seu lugar numa sociedade representada por uma relevante força respaldada no incentivo, por parte da Igreja Católica, ao conformismo. Modelo que era garantido pela ideologia, mas, também, deste conformismo tão exaltado por essa Instituição.

Aqui destacamos as experiências de algumas mulheres que optaram por ser “desviantes” das normas sócio-religiosas importantes ao conjunto do feminino. Estudamos, então, as histórias de determinadas mulheres que enveredaram por um “caminho” que as tornaram, mais “senhoras de si”, rompendo com a submissão aos homens, enquanto, prática autorizadora de um lugar próprio. Este “caminho” representará para estas mulheres um grande salto quantitativo e qualitativo, já que, algumas delas, se tornarão líderes de movimentos heréticos que se contrapunham ao autoritarismo religioso da Igreja Católica.

Constatamos o envolvimento destas mulheres a partir do estudo de vários autores que se propuseram a investigar as histórias da Igreja, da Inquisição e da heresia na França.

Destacamos como temporalidade o período entre os séculos XII e XIV, por conta da bibliografia indicar ter sido este o momento de auge dos movimentos heréticos e inquisitoriais da Baixa Idade Média. Certamente que muitas são as dificuldades para o historiador de hoje construir uma leitura que procure o maior nível possível de proximidade com a época, pois que nossa forma de conceber a religião em muito se afastou da forma como esta era concebida e, ainda mais, em se tratando do enfoque sobre o feminino, as distâncias são mais afastadoras.

Com isso, nosso esforço será no sentido de fazer um diálogo constante com os autores selecionados para que tentemos trazer aqui uma leitura do tema recortado, evitando os anacronismos.

Muitas mulheres preferiram viver na sociedade medieval distantes das normas estabelecidas pela Igreja, mas, a partir daquilo que valorizavam. Era pela negação ao monitoramento masculino e religioso que as mulheres se integravam ao Catarismo, aos Valdenses e as Beguinhas, entre outros movimentos heréticos da Baixa Idade Média. Todavia, nos reportamos aqui a estes três, como meio de mostrar que as mulheres não foram completamente submissas e obedientes neste período. Muitas foram à luta, na busca pela conquista e manutenção dos seus ideais de vida.

No tocante às normas impostas ao feminino notamos que elas serviram para instituir um modelo a ser seguido por todas, mas nesses movimentos encontramos certas mulheres na condição de pessoas atuantes que agiam na contramão daqueles que ditam as regras, potencializando práticas que combatiam o modelo de feminino e de credo estabelecidos.

Estes movimentos apresentaram, em suma, muitas características comuns, sendo a luta pela liberdade religiosa e inclusão do evangelho na vida dos fiéis, uma grande prioridade; além de reservarem às mulheres que se inseriram neles um lugar de destaque, seja do ponto de vista individual, seja do ponto de vista coletivo. Porém, esta causa mobilizou para seus participantes uma forte ação de perseguição por parte da Igreja Católica e dos senhores temporais.

Os adeptos dos movimentos heréticos, ao partirem em busca dos seus ideais de independência religiosa e até mesmo social, passaram por mudanças diversas, pois, acordaram para uma nova realidade. Ao participarem desses movimentos adquiriram uma consciência “nova”, podiam atuar com sua força e capacidade, ao invés de só obedecer e praticar as leis determinadas pela Igreja. Essa tomada de consciência garante a todos uma visão inovadora do mundo, onde se conquistava a liberdade de escolha por práticas que eram proibidas pela Igreja. A respeito dessa tomada de consciência, Roger Chartier nos informa que:

Tomada de consciência, também, de que as diferenciações sociais não podem ser pensadas, apenas em termos de fortuna ou de dignidade, mas que são produzidas ou traduzidas pelos distanciamentos culturais. (CHARTIER, 1990, p. 46).

O afastamento das regras estabelecidas pela Igreja possibilitou aos integrantes dos movimentos heréticos a construção de uma cultura voltada para a contestação, já que, o descontentamento era muito grande e a Igreja não fazia nada para mudar esse quadro. Neste caso, cabia aos movimentos bagunçar com os ditames e promover a oposição à Igreja Católica. De acordo com Jacques Le Goff:

É acima de tudo, seguro que muitos movimentos heréticos, condenando a sociedade terrestre e, especialmente, a Igreja, continham um fermento revolucionário muito forte. Isso é verdadeiro quanto ao Catarismo [...] e quanto, aos vários milenarismos, cujos aspectos subversivos já foram postos em evidência. (LE GOFF, 1995, p. 75).

Com isso, vamos agora discutir um pouco acerca do movimento, bastante importante, que se implantou na região do sul da França, provocando a fúria dos representantes da Igreja. Essa marca de desordem foi deixada pelo Catarismo, que analisamos neste primeiro tópico deste segundo capítulo.

2.1- O CATARISMO

O Catarismo representou o perigo que mais ameaçou o poder da Igreja Católica, pois foi responsável pela disseminação de idéias que iam de encontro com os ideais cristãos. Os cátaros foram tão longe que chegaram a fundar uma Igreja de acordo com seus interesses. Isto infligia ainda mais a Igreja Católica, pois o Catarismo não fora composto apenas pelos pobres da sociedade medieval. Muitos dos integrantes deste movimento faziam parte da nobreza, bem como do clero. Conforme João Bernardino Gonzaga:

Os cátaros. [...] Estavam infiltrados na maioria das famílias poderosas e mesmo no clero. Ocupavam altos cargos públicos, o povo os recebia com naturalidade e muitos mandavam os filhos estudar em suas escolas. Vários nobres abertamente ou encobertamente os apoiavam inclusive disso se servindo para usurpar bens eclesiásticos. (GONZAGA, 1994, p. 152).

A Igreja, como vemos, estava impedida de sanar o problema causado pelos cátaros, pois era um movimento de pessoas que representavam o poder. Além de representar uma religião dualista já que, para tal, a figura do Diabo exercia forte poder. Por outro lado, o Catarismo representou a própria Igreja Católica como a religião do demônio e fazendo muitos se convencerem que a Salvação estava na adesão aos cátaros. Assim, tão poderosa influência disseminou-se, principalmente na França, na qual o catolicismo obteve mais dificuldade em manter sua autoridade e conseguir que seus fiéis permanecessem seguindo seus moldes. De acordo com Jeffrey Burton Russell:

O Catarismo era uma religião fortemente dualista, na medida em que enfatizava o poder do Diabo no mundo. Os cátaros ensinavam que o Espírito do Mal, o Diabo, criou o mundo material com o propósito de aprisionar o espírito na matéria. [...] A Igreja Católica foi estabelecida pelo Diabo a fim de iludir o povo, mas um indivíduo pode livrar-se da escravidão da matéria obedecendo aos ensinamentos do Catarismo. (RUSSELL, 1993, p. 47).

Notamos que os cátaros constituíram sua própria doutrina e esta condenava consideravelmente, a Igreja Católica, bem como, a figura do Diabo.

Mas, para a Igreja Católica, este último estava impregnado entre os representantes do Catarismo e precisava ser abolido. Segundo Testas:

Na segunda metade do século XII, a propagação da heresia foi tal que os cátaros formavam na parte sul da Europa, uma verdadeira Igreja oposta à de Roma. [...] A Igreja romana tinha, portanto, um imenso esforço a realizar para extirpar mal tão profundo cujo perigo ela compreendeu bastante rapidamente. (TESTAS, 1968, p. 10).

A força poderosa do Catarismo balançou as estruturas da então, Igreja Católica, pois, lançava mão das mesmas hierarquias desta, para assegurar-se no poder. Porém negavam algumas das práticas do catolicismo, como: o purgatório, as missas para os mortos, o batismo das crianças, entre outros. Sua maior luta era travada contra as forças das trevas em prol das forças do bem. Por outro lado, os cátaros eram liderados pelos “perfeitos”, um grupo da elite que os dirigiam, assim como o Papa, o bispo e o padre na Igreja Católica. Para Jeffrey Richards:

Havia bispos cátaros, dioceses cátaras, concílios cátaros e até mesmo um papa cátaro. [...] Acreditavam que o corpo e a alma eram criações de forças diferentes; o corpo do Mal, e a alma do Bem. [...] Era administrado por um grupo da elite, os “perfeitos”, que viviam a vida ideal dos cátaros e agiam como monges. (RICHARDS, 1993, p. 60).

O crescimento notável do Catarismo tornou empreendida a implantação de uma nova Igreja que se opunha às determinações da Igreja Católica. Os cátaros fundaram então uma anti- Igreja, dotada de princípios exaltadores de uma doutrina dualista, na qual o Bem era representado pela “pessoa” de Deus, enquanto que o Mal se voltava para a representação do Diabo e este era comparado com a Igreja Católica. Assim, podemos confirmar a partir da afirmação do autor Jacques Le Goff, no seu célebre “A civilização do ocidente medieval, volume I”:

Aquele que conheceu maior voga foi o dos cátaros, que eram maniqueístas. Para eles, havia dois princípios igualmente poderosos: o Bem e o Mal. [...] A Igreja católica era uma Igreja do Mal. [...] O Catarismo constituiu-se rapidamente em nova igreja, com os seus bispos, o seu clero, os perfeitos, impondo aos seus adeptos ritos especiais. Era uma anti- Igreja, um anticatolicismo. (LE GOFF, 1995, p. 123).

Percebemos que o movimento herético, Catarismo, promoveu significativa valorização referente a figura do Diabo que para a Igreja Católica desempenhou uma considerável ameaça. Mas, os cátaros, fortaleceram mais seus discursos reprimindo o demônio. Conforme Russell:

Os cátaros deram grande ênfase à influência do Diabo sobre a teologia ortodoxa, de modo que o Diabo veio a desempenhar um papel muito maior no pensamento medieval tardio do que tivera no começo da Idade Média. (RUSSELL, 1993, p. 47).

A França representou um ambiente fértil para a entrada e instalação daqueles que deram grandiosa importância à influência do demônio no que equivale a teologia ortodoxa. Esses cátaros, em princípio, se implantaram nos Países Baixos e na Renânia, mas como já, mencionamos, a região francesa se tornou mais acessível e possibilitou seu avanço. Naquela localidade o Catarismo se desenvolveu e fixou-se, constituindo uma nova Igreja na década de 1170. Esta inovação do tal movimento provocou um sistema de alerta para a Igreja Católica, que a partir daí, deu ênfase às investidas para a decadência do Catarismo. A heresia albigense se transformou no maior empecilho do catolicismo, mas logo foi derrubada pelo poder da Igreja Católica que nunca aceitou seu advento e progresso no sul da França. Segundo Richards:

A heresia plantou raízes nos Países Baixos e na Renânia, e tornou-se ainda mais importante no sul da França. Ali, missionários cátaros organizaram uma Igreja cátara na década de 1170. Os hereges do sul tornaram-se conhecidos pelo nome de albigenses, derivado de uma de suas cidadelas, Albi. (RICHARDS, 1993, p. 59).

Os albigenses representavam uma Igreja contrária aos moldes estabelecidos pela Igreja Católica. A ideologia do catolicismo valorizava muitos ritos, como: missas, sacramentos, etc. O casamento era o meio legal que os clérigos enfatizavam para garantir a perpetuação da espécie humana. Porém, os “perfeitos” não viam com bons olhos este sacramento, neste caso, isto seria uma das formas da Igreja se contrapor a eles. Conforme Duby na obra “Idade Média, Idade dos Homens do Amor e Outros Ensaios”:

O final do século XI se distingue a edificação progressiva, no norte e no sul, de uma liturgia matrimonial pela qual o essencial do ritual até então doméstico e profano é chamado a transferir-se para a porta da

igreja e para o seu interior. Conduzindo enfim ao seu termo a construção de uma ideologia do casamento cristão. Esta repousa, em parte, contra o Catarismo, na justificação, na eliminação da culpa do ato carnal. [...] (DUBY, 1989, p. 23).

Mesmo os cátaros, sendo contrários aos dogmas da Igreja Católica, viam-se atuando como cristãos. Professando um Cristianismo diferente, mas que usavam também a Bíblia como uma forma de provar que seus discursos eram verídicos. Para eles Jesus Cristo surgiu na Terra para salvar as almas do pecado e do mundo material. Conforme Richards:

Apesar do dualismo, os cátaros viam-se a si próprios como cristãos certamente como adeptos de uma forma mais pura de cristianismo do que a praticada pela Igreja, cuja riqueza, poder e politização a tinham afastado da verdade do evangelho. (RICHARDS, 1993, p. 60).

Por outro lado, aqueles cátaros que pregavam a Bíblia incentivavam os demais adeptos, a manterem-se na moral e na crença da existência de Jesus Cristo. Como vemos, os propósitos cátaros eram bastante semelhantes aos dos cristãos com exceção, é claro, de que na Igreja Católica, as mulheres não tinham os mesmos direitos conferidos aos homens, ou seja, não exerciam um cargo elitista como, por exemplo, a de Papa feminino. No entanto, o cargo maior estabelecido pelos cátaros era o de “perfeitos”, sendo este admitido tanto para os homens, como para as mulheres. Ainda conforme Richards:

A seita tinha pouco apelo intelectual, mas imenso apelo popular, já que qualquer um, homem ou mulher, de classe mais alta ou mais baixa, podia tornar-se um “perfeito” se vivesse de maneira reta. [...] Os pregadores cátaros usavam a Bíblia para fundamentar seus argumentos, exortavam seus seguidores a viver uma vida moral e manter a fé em Cristo. [...] (RICHARDS, 1993, p. 60).

A inclusão das mulheres, vistas como “desviantes” neste movimento, representava a marca primordial deste, pois assim, elas se tornavam, de certo modo, importantes e atuantes tendo vez e voz. Apesar de serem consideradas como heréticas pela Igreja Católica, elas encontravam o espaço almejado para discutirem suas idéias, argumentarem acerca de seus posicionamentos referentes às contestações voltadas para a forma de exclusão oferecida por esta Instituição. Todavia, era no Catarismo que se encontrava a representação

da igualdade de direitos entre homens e mulheres, pois seus preceitos propiciavam isto. Assim José Rivair de Macedo nos informa que:

Entre os cátaros, as mulheres podiam tornar-se “perfeitas”, um grau superior na doutrina. Ao que tudo indica, uma cátara “perfeita” podia prestar os mesmos serviços espirituais que um homem, tendo os mesmos direitos e o mesmo apoio que aqueles gozavam. (MACEDO, 1990, p. 63).

Portanto, o Catarismo não só vem a pregar uma ruptura com os dogmas religiosos, mas e, principalmente, com os lugares sociais de homem e mulher. A Igreja não tinha mulheres que ocupassem cargos de controle, como já mencionamos, mesmo nas Instituições eclesiásticas femininas o controle era feito por um clérigo do sexo masculino. Por conseguinte, muitas mulheres foram influenciadas e atraídas por estes preceitos inclusivos e tiveram que pagar um alto preço por isso. O Catolicismo pregador da submissão e conformação, não permitiu que elas atuassem com liberdade e por meio do tribunal de Inquisição as puniu gravemente. Ainda com base na obra “A mulher na Idade Média” do autor Macedo:

As sentenças dos primeiros inquisidores de Toulouse, Bernard de Caux e Jean de Saint- Pierre, proferidas entre 1246 e 1248, dão conta da condenação de 152 pessoas, das quais 30% eram do sexo feminino. Muitas, como Beatriz, esposa de Jordão de Roquefort, foram condenadas à prisão perpétua. Outras, como Tiborg, foram confinadas à prisão por 15 anos. Quando confessavam a participação em assembléias cátaras, as punições eram menos duras. (MACEDO, 1990, p. 62).

Estas condenações femininas representam para a Igreja Católica, a vitória da permanência do conformismo, bem como, a continuidade da utilização dos sacramentos na vida cotidiana daqueles que se enquadravam como maioria. Assim, essas práticas católicas medievais, nas quais diversas mulheres tiveram como fim a condenação perpétua e até mesmo a morte na fogueira, funcionavam como exemplo, pois caso outros ou outras quisessem tomar a mesma direção, já saberiam seus destinos. Por outro lado, isto de nenhuma forma freou os contestadores que iam de encontro aos dogmas do catolicismo. Muitos, como os cátaros permaneceram firmes, apesar de

perseguidos e até condenados. A historiadora Anita Waingort Novinsky nos apresenta esta constatação quando informa que:

Além da cruzada religiosa empreendida contra os hereges nos séculos XII e XIII está também a luta contra a ameaça ao poder. Apesar do controle da Igreja, não foi possível conter a difusão das heresias, principalmente dos cátaros ou albigenses, contestadores dos dogmas da Igreja e que no sul da França, constituíram-se numa espécie de Igreja contra a Igreja de Roma. (NOVINSKY, 1982, p. 16).

Como podemos perceber, os cátaros desempenharam um papel bastante importante na divulgação de idéias que foram nomeadas de heréticas e que tanto abalaram as estruturas da Igreja Católica, pois tornaram suas idéias bem difundidas na França. No entanto, sabemos que apesar deste movimento ter sido bastante perseguido, como também os demais, ocorreram grandes distinções em se tratando de homens e mulheres, pois os inquisidores, isto é, homens religiosos que interrogavam os “heréticos” agiam de modo estereotipado em relação às mulheres, já que estas, por sua vez, representavam de imediato a figura do mal. Conforme a confirmação de Macedo:

O combate feroz, iniciado pela Inquisição contra as “maléficas”, reprimia a sexualidade feminina. Muitas mulheres, acusadas de comportamentos anormais, arderam na fogueira. Os primeiros casos de perseguição ocorreram no Languedoc e as vítimas eram adeptas do Catarismo. (MACEDO, 1990, p. 66).

As mulheres que enveredavam para o “caminho” do Catarismo representavam uma categoria de descontentes e “heroínas” que buscavam a constituição dos seus ideais e anseios, na qual, a resistência ao modelo admitido pela Igreja Católica era o meio de apropriar-se da liberdade e porque não, da propagação das suas opiniões. A Igreja modeladora de corpos e de mentes provocava o terrorismo entre as várias mulheres que agiam por conta própria na confirmação de seus direitos femininos no que se refere ao fator da sexualidade. Porém, mesmo sob pressão, elas não deixaram de buscar outra saída para fugir da repressão conferida às mesmas pela Igreja, bem como, pela sociedade. A esse fator de resistência que tantas mulheres se apropriaram, Roger Chartier nos leva a refletir quando fala:

Ler, olhar ou escutar são, efetivamente, uma série de atitudes intelectuais que- longe de submeterem o consumidor à toda-poderosa mensagem ideológica e/ ou estética que supostamente o deve modelar- permitem na verdade a reapropriação, o desvio, a desconfiança ou resistência. (CHARTIER, 1990, p. 59).

Muitas mulheres, por “natureza” eram lançadas como pecadoras, já que seriam “diferentes” dos homens, até mesmo pelo fato de conhecerem e darem a luz aos filhos. Restava a elas a submissão principalmente ao marido, ao seu amo e protetor designado pela Igreja Católica. Mas, havia aquelas que se desviavam que estavam longe de concordar com tal situação e assim tomavam o destino dos movimentos heréticos, nos quais eram bem valorizadas e notadas como seres importantes. Mas, todo esse entusiasmo por parte delas, não duraria muito na Idade Média, pois para a Igreja as adeptas desses movimentos eram consideradas pecadoras e desobedientes. Como nos coloca Georges Duby:

Pecadora, a mulher o é apenas quando sai de seu papel, conseguindo ela própria seu prazer. Quando se faz de homem. Ou então quando ousa, ela que Deus quis terna “inermis”, desarmada, posta sob a proteção masculina, forjar suas próprias armas, as poções, os encantamentos, os sortilégios. [...] O homem é o chefe da mulher. É responsável pelos atos e pensamentos daquela que desposou. Seu dever é proibir o que a vê fazer abertamente, o que a escuta dizer abertamente e que desagrada a Deus. (DUBY, 2001, p. 30).

Para a Igreja, o homem é proprietário da mulher mediante a lei de Deus. É o marido que deve ter o controle absoluto das ações e até dos pensamentos femininos. A esposa não deve fazer nada sem a permissão do seu “dono”, ou seja, do homem. Os homens diante das leis da Igreja, não deveriam ter práticas sexuais prazerosas com suas esposas, pois isto estava renegado a elas. Caso isso ocorresse a Igreja os consideravam adúlteros perante a Deus, mas, tinham a “permissão” de sentir desejos e provocar prazer em outras mulheres que não fossem suas esposas. Muitas esposas que não seguissem as vontades dos maridos e de alguma forma os desobedecessem, corriam o risco de serem castigadas com a força física dos esposos, e esta prática violenta era assegurada pela Igreja. Como nos descreve Macedo:

O marido excessivamente desejoso da esposa, adúltero aos olhos da Igreja. [...] A atitude de desprezo dos homens pelas mulheres, consideradas ao mesmo tempo perigosas e frágeis, era justificada por todos os meios, até pela etimologia da palavra que as designava. [...] Os homens, pais ou maridos, reservavam o direito de castigá-las como a uma criança, a um doméstico, a um escravo. (MACEDO, 1990, p. 21).

Notamos nitidamente a aversão a certas mulheres pelo sexo masculino. Elas, na Idade Média, foram consideradas como objetos, como podemos dizer um animal, que quando faz algo errado precisa ser punido. Esta situação provocou em algumas mulheres o repúdio ao casamento, e assim, aos homens. Muitas procuravam se libertar de tal “mal” fugindo e se tornando membros dos movimentos heréticos que as recebiam de “braços abertos”. Estas, quando entravam para esses movimentos negavam totalmente o casamento e tomavam dele muita distância; pois este, para elas, era o sinônimo do pecado. Ainda seguindo o relato de José Rivair de Macedo:

As doutrinas heterodoxas podem ainda tê-las seduzido por outro motivo. Basicamente todas consideravam o matrimônio como a instituição do pecado. [...] Alguns historiadores têm ultimamente chamado a atenção para a ligação das mulheres com as heresias. Não sabemos até que ponto a negação do casamento atraiu as mulheres para as heresias, mas a hipótese é sedutora. (MACEDO, 1990, p. 63).

Por outro lado, a Igreja insistia em consolidar o casamento como o sacramento ideal a ser seguido. O incentivo ao casamento era fortalecido na medida em que justificava o poder masculino em detrimento do feminino e, assim, a mulher por intermédio do casamento persistia subjugada e humilhada, sem a menor chance de levar vantagem alguma. Por sua vez, a Igreja, baseada nos escritos bíblicos, não promovia nenhuma melhoria para as mulheres. Pois, para esta instituição, elas deveriam permanecer sob a proteção e autoritarismo dos homens. Confirmamos a partir das idéias de Georges Duby ao comentar que:

O casamento foi instituído no Paraíso pelo próprio Deus Pai, e é o único dos sacramentos que foi assim favorecido. [...] A Escritura ensina, enfim, que no interior do casal a mulher é fermento de

discórdia. Se leva a melhor, tudo fica às avessas e desmorona. Em consequência, a própria Escritura prescreve que a dama deve servir a seu senhor, manter-se diante dele em postura de humilhação; assegura que não basta "dirigi-la", ela deve ser subjugada. (DUBY, 2001, p. 66).

Apesar da humilhação, do controle constante do masculino e de tamanha subjugação, isso não foi o bastante para frear diversas mulheres. Elas não se deixaram abater pela opressão sofrida, se voltaram, neste caso, para os movimentos heréticos, como o Catarismo que valorizava a moral e a abstinência sexual e, por conseguinte, não apoiava o casamento tal qual a Igreja o fazia. Porém, o catolicismo não se deixou conter de forma alguma e tratou logo de se defender desta heresia, com a ajuda da Inquisição obviamente. E, como os cátaros se recusaram a aceitar e concordar com os dogmas da Igreja Católica foram levados a destruição e transformados em pó nas fogueiras inquisitoriais. Conforme João Bernardino Gonzaga:

A chegada das tropas reais que, em 1243, vieram assediar Montségur, uma das derradeiras praças fortes em que se abrigavam os cátaros, a qual se rendeu em 1244. Trezentos e dez "perfeitos", no entanto recusaram a conversão, sendo por isso reunidos e queimados ao pé da muralha da cidade. A queda desse poderoso templo do Catarismo representou a mais terrível perda para a heresia, que ingressou então em franca decadência. (GONZAGA, 1994, p. 154).

Com a decadência da heresia cátara, notamos a força poderosa do catolicismo e percebemos também que sua ideologia ortodoxa não admitia contestadores. Porém, mesmo assim, apesar de tão reforçado poder, a força de resistência persistiu. O Catarismo enfrentou sua decadência, mas surgiram outros movimentos, como por exemplo, o que vamos discutir no próximo tópico, isto é, os Valdenses. Um movimento com características semelhantes ao Catarismo, mas com distinções. No qual a considerável semelhança diz respeito à inclusão das mulheres. E sua distinção é que foi um movimento destinado somente aos pobres.

2.2- OS VALDENSES

A resistência herética permanece viva, mesmo com o fim dos cátaros. Estudamos neste tópico um movimento herético que tanto quanto o Catarismo foi indiscutivelmente perseguido pela Igreja Católica na Idade Média, mais precisamente na França meridional. E que, mesmo perseguido fortemente prosseguiu com seus objetivos em prol das suas conquistas. Este olhar reprovador das atitudes do catolicismo tornava a resistência dos valdenses ainda mais fortes. Com isso nos dirigimos para a afirmação do autor Roger Chartier quando comenta:

As revoltas pertencem realmente ao mundo da cultura “popular”, na condição de não definir esta como cultura própria dos mais desprovidos por oposição à dos notáveis, mas como um repertório de motivos e de comportamentos que são partilhados pelo conjunto da sociedade. [...] (CHARTIER, 1990, p. 200).

Os revoltosos com as doutrinas da Igreja passaram a viver de forma diferente e excludente. Por sua vez, os valdenses representam um movimento herético que se formou a partir dos ideais de um usurário de Lyon. Seu líder foi tocado pela história de Santo Aleixo que era rico, mas renunciou à sua riqueza se tornando assim um mendigo. Deste modo, Valdo repetiu a façanha de Santo Aleixo, partindo para uma vida de pobreza e pregando o incentivo para as outras pessoas o seguirem, tendo uma vida simples e pautada na fé. A simples idéia de promover a desordem na ordem estabelecida pelo poder secular transformava os Valdenses em “ilegais” perante a Igreja Católica. Essa “ilegalidade” fazia com que eles fossem excluídos e obrigados a saírem da mesma Instituição, como destaca Le Goff:

Por volta de 1170, Pierre Valdo, mercador de Lyon, e os seus discípulos, os Pobres de Lyon, que depois serão chamados “valdenses” levam tão longe as suas críticas à Igreja que acabaram por sair dela. (LE GOFF, 1995, p. 118).

A defesa exacerbada da fé e da simplicidade vai ser o elemento de base para que os valdenses caíam em heresia. Interessante é que essas idéias

estavam na base da doutrina da Igreja, mas na medida em que os Valdenses a tomam como ideal maior isso vai contrariar os interesses dos “guardiões” dos dogmas instituídos na hierarquia da Igreja.

Com isso, os valdenses findam por pregar o desapego aos bens materiais que à época atrapalhava as práticas efetivadas pelos líderes da Igreja Católica. Lembremos aqui que a venda de indulgências é um negócio bastante lucrativo e é conduzido pela hierarquia da Igreja. Todavia, os Valdenses tornaram-se destituidores da ordem católica, a partir da influência que tinham em relação à população pobre, pois contrariando e deixando de lado o poder da Igreja, lançavam mão da inclusão daqueles que pouco, ou nada, significariam para a sociedade medieval, isto é, os pobres, bastante valorizados por este movimento herético; como nos diz o autor Jeffrey Richards:

Os valdenses não tinham clero ordenado. [...] seu valor principal era a pobreza, e acreditavam que a Igreja de Roma não cumpria seu dever ao negligenciar a imposição de pobreza absoluta ao clero. Rejeitavam a Igreja Católica e a hierarquia estabelecida. Seu credo era comunitário em vez de institucional. Acreditavam no “sacerdócio de todos os fiéis”. Suas traduções da Bíblia abriram uma fissura no monopólio do clero sobre a palavra de Deus. (RICHARDS, 1993, p. 57).

O forte crescimento da heresia dos Valdenses possibilitou o advento de novas estruturas no que concerne aos moldes da Igreja Católica, pois este movimento trouxe a tona verdadeira inovação, principalmente no que compete à Bíblia, já que, promoveram uma tradução da mesma que não era a tradicional da Igreja. No entanto, a grande importância dada pelos Valdenses, à pobreza, tida como sua principal valorização, representava um insulto para a Igreja Católica e, assim, esta idéia seria um grande mal a ser combatido com eficácia. Mas, o problema era mais profundo do que a Igreja Católica podia prever, já que, este movimento herético até hoje apresenta resquícios e muitos dos quais foram confundidos com os cátaros e, incontestavelmente, perseguidos. Os autores Guy Testas e Jean Testas são bem claros quando dizem que:

Os valdenses- Esta foi a mais tenaz de todas as heresias contra as quais a Igreja teve de lutar. Em 1184 foram condenados pela bula *Ad abolendam*, do papa Lucius III, e em 1215 o 4º concílio de Latrão renova a decisão. Perseguidos durante o século XIII, foram

frequentemente confundidos com os cátaros, na Provença e no Languedoc. (TESTAS, 1968, p. 47-48).

Os Valdenses apresentavam resistência contra a Igreja Católica, devido às discordâncias dos seus moldes estabelecidos, pois esta instituição era excludente e pregava a obediência e a conformação. Porém, os Valdenses viam nisto um mal e assim como os cátaros “partiram” em busca de um novo modelo a ser seguido, o modelo de pobreza e de fé. Em conformidade com os cátaros, também, os Valdenses atraíram para seu meio as mulheres consideradas “desviantes”. Assim, a semelhança com os cátaros, não se destinava apenas às formas de perseguição sofridas, por parte da Igreja, mas, como também, os Valdenses acolhiam as mulheres de forma igualitária, podendo elas fazer parte do movimento e assumir as mesmas posições dos homens. Nesta forma de heresia, muitas mulheres que buscavam sair da submissão, do desprezo e da exclusão, encontravam espaço, vez e voz. Encontravam, então, o seu lugar; Jeffrey Richards diz que:

Os pregadores Valdenses não eram homens geralmente letrados, mas camponeses e artesãos, os quais devotavam sua vida ao estudo intensivo das escrituras, decorando amplas passagens delas. Eram muito respeitados, eram o único movimento dissidente internacional a atrair o campesinato em grande número, e que permitia às mulheres, assim como aos homens, tornaram-se pregadores. (RICHARDS, 1993, p. 58).

A diferença nítida e que insiste em manter-se atuante e viva, entre a Igreja e muitos movimentos heréticos é o fato de nestes a mulher ser inserida e poder exercer os mesmos papéis reservados aos homens. Porém, havia distinções entre, por exemplo, os cátaros e os valdenses, estes últimos não representavam, em sua maioria, os intelectuais, pois se tratava de um movimento dirigido principalmente aos mais humildes que apesar dessa condição não deixavam o estudo do Novo Testamento de lado e como um todo. Os pregadores podiam ser de qualquer sexo, característica esta também, como já foi dito, conferida ao Catarismo que, de sua parte, como por vez, aqui evidenciado, era constituído por pessoas ligadas às elites e até mesmo por membros da Igreja Católica. A pregação dos Valdenses fora mais simplista e pouco instruída, mas isso não representou empecilho para eles deixarem de

lutar e de enviar sua mensagem para o mundo ocidental. Segundo ainda, o autor Richards:

Sua pregação acessível, sincera e despojada, seu estilo de vida apostólico, suas origens humildes e o contraste existente entre eles e o clero das paróquias, que era em geral pouco instruído e negligente, ajudaram os valdenses a insinuar sua mensagem. (RICHARDS, 1993, p. 58).

Os Valdenses apresentavam uma postura semelhante aos católicos, pois seus pregadores deviam se dedicar ao celibatário, à vida humilde, sem luxo e manter-se dedicados aos sermões. Neste caso, concordamos que a pregação Católica dirigia esse modelo de vida aos padres, que, são negados ao casamento e vivenciam uma vida, regada à prática da propagação da “palavra de Deus”.

Por outro lado, os Valdenses levaram tão a sério sua forma de vida que fizeram a Igreja sentir temor e vontade de acabar com as contestações deste movimento. A perseguição a este foi muito severa e muitos tiveram que fugir e outros foram vítimas de expedições que provocaram a morte de inúmeros Valdenses. Mas, estes não foram reprimidos inteiramente, pois ainda há lugares, atualmente, que convivem com adeptos deste movimento. Está comprovado que esta heresia, não se findou por inteiro, tampouco se abateu diante dos massacres, das perseguições e da morte, ocasionado pela Igreja Católica. Os Valdenses foram persistentes na luta contra a corrupção e a vida repleta de luxo e regalias, da parte de muitos bispos e papas católicos. Assim, confirmamos nossa discussão a partir das idéias dos autores Guy e Jean Testas, quando informam que:

Os valdenses foram ainda vítimas de uma expedição organizada por ordem do tribunal de Aix-en-Provence, sob o reinado de Francisco I, e que provocou a morte de milhares de pessoas. Esta heresia não desapareceu completamente, pois ainda hoje possui um grande número de adeptos no Piemonte, na Lombardia, na Toscana, na Sicília etc., onde, desde 1848, vivem em paz. (TESTAS, 1968, p. 48).

No entanto, os Valdenses franceses, foram os que mais sofreram a perseguição católica. Eles passaram repetidas vezes pela fogueira, na qual, foram queimados vários. Muitos dos que se livraram do suplício da fogueira

conseguiram fugir para regiões montanhosas próximo ao mar. Porém, a resistência valdense nesta localidade, ocorreu até o século XVI. Não foi fácil para a Igreja obter a exterminação dos valdenses como um todo, tampouco, não foi fácil para estes se manterem vivos e atuarem propagando seus preceitos. A fogueira representou, neste caso, a salvação para os valdenses, e ou, pessoas tidas como rebeldes. Segundo Richards:

Os valdenses foram ferozmente perseguidos, e membros de sua comunidade eram queimados frequentemente. [...] No século XIV, as perseguições já haviam quebrado a espinha dorsal dos valdenses franceses, e eles se retiraram para os Alpes Marítimos, onde resistiram até o século XVI. (RICHARDS, 1993, p. 58).

Mesmo sendo vítimas de perseguições e da morte, os membros da heresia valdense, não se contentaram com o silêncio que lhes oferecia a Igreja Católica, de modo a barrá-los em sua missão de propagar suas conclusões acerca da Bíblia. Eles a exemplo, de seu líder Pedro Valdo, optaram por “seguir a Deus” e não aos ditames criados pelos homens que representavam a Igreja Católica. Mas esta atitude, não foi bem aceita por esta última e logo foi considerada como herética. Foram então representados pelo catolicismo, como seres cruéis, viciados e até mesmo tachados de fanáticos; isso por causa da adesão à inconformidade perante o arcaico modelo da Igreja Católica que tendia para constituir uma sociedade hegemônica. Assim, os Valdenses resolveram se dedicar a seguir o modelo determinado pelo Antigo ou pelo Novo Testamento. Em conformidade com Alcides Conejeiro Peres, temos:

Os valdenses, é o grupo evangélico medieval mais conhecido. [...] Valdo, que até então tinha sido um filho fiel da Igreja Católica, resolveu fazer como o apóstolo Pedro. Preferiu antes obedecer a Deus que aos homens. Daí em diante, os valdenses foram considerados “hereges” e assim sujeitos às duras penas da Inquisição: a retratação ou a morte. Mas eles continuaram não admitindo, em matéria de ensino e disciplina religiosos, nada que não estivesse no Antigo ou no Novo Testamento. (PERES, 1998, p. 70).

Muitos foram aqueles que se revoltaram com o modelo católico de agir, diante dos fiéis. Os próprios integrantes da Igreja Católica, que não se conformaram com aquele modelo estabelecido, procuravam outros “caminhos”.

O “caminho”, mais indicado foi a penetração nos movimentos heréticos, e os Valdenses se destacaram por serem bem preparados e saberem como burlar o poder da Igreja, pois muitos fugiram para locais que esta instituição tinha dificuldade em descobrir, como por exemplo, as montanhas, já lembradas aqui.

“Partiremos”, neste momento, para o estudo de outro movimento que preocupou muito as autoridades católicas. Neste terceiro tópico vamos discutir, um pouco a respeito do movimento herético conhecido como beguinos ou beguinas.

2.3- AS BEGUINAS

Os dois movimentos heréticos estudados até aqui, isto é, o Catarismo e os Valdenses, não representaram os únicos movimentos que a Igreja considerava como herético. E, no entanto, não foram os únicos a seduzirem as mulheres. Pelo contrário, outros existiram. Neste momento vamos conhecer e discutir um pouco acerca dos beguinos e beguinas. As beguinas eram mulheres que adotavam uma vida como freiras e viviam na castidade. Porém, a Igreja as acusou de heresia, pois quase sempre aparecia uma grávida, sem a comprovação de quem seria o pai. Conforme, Richards:

Na primeira metade do século XIII, Filipe, reitor da Universidade de Paris, apresentou a interpretação de que a causa de toda heresia era “devassidão, cupidez ou orgulho”. Ele afirmou que as beguinas, mulheres que adotavam parcialmente a vida de freiras e que eram supostamente castas, na verdade engravidavam constantemente em função de sua união com homens hereges, que afirmavam sistematicamente que os pecados da carne não eram pecaminosos. (RICHARDS, 1993, p. 71).

Percebemos, que para este movimento, o sexo, já era concebido como prazer e não como pecado. E isso desagradava e muito o poder da Igreja. Sendo uma Instituição dominadora da mente e dos corpos, esse tipo de comportamento ia se contrapor com as leis da Igreja referente ao sexo, principalmente, para as mulheres que o praticavam somente para procriação.

Por outro lado, muitas que ficavam viúvas ou solteironas, advindas das elites de onde hoje se situa a Bélgica, optavam pelo ascetismo e negavam os prazeres mundanos. Estas mulheres se dividiam em dois caminhos: aquelas que mesmo ascéticas se relacionavam com sua família e aquelas que preferiam romper completamente com tudo e buscavam a saída mais drástica, como tornarem-se pobres voluntariamente, bem como, mendigas errantes. Assim, as beguinas como foram chamadas as mulheres que assim agiam, desenvolviam gradativamente as suspeitas dos líderes católicos, tendo por consequência a condenação do movimento em 1259. Com isso, este movimento passou a ser controlado por alguns grupos religiosos como: os

Franciscanos e Dominicanos. No entanto, grande parte dessas mulheres não abandonou seus ideais e permaneceram com hábitos e comportamentos místicos que incitavam ainda mais o desprezo da Igreja Católica por elas, sendo consideradas heréticas. Neste caso, José Rivair de Macedo diz que:

As autoridades, controlando as beguinas, integraram-nas às ordens dos Franciscanos e Dominicanos. As que insistiram nos hábitos e comportamentos místicos do ascetismo extremo, bem como as que continuaram a interpretar livremente as escrituras, foram consideradas hereges, e por causa disso, excomungadas, isto é, excluídas do seio da cristandade. (MACEDO, 1990, p. 62).

Como pudemos observar, a Igreja estava rodeada de colaboradores, de modo a obter um controle mais vasto da população que ficava sob a tutela da mesma, sem poder expressar suas opiniões e decisões. Neste caso, aqueles ou aquelas que cometessem o deslize de contrariar a Igreja correria o risco da exclusão. Esta que é a grande marca do ocidente medieval cristão e fazendo parte desta, encontramos as mulheres que como Margarida Porete, uma beguina, foram postas para as margens da sociedade. Ao serem marginalizadas as mulheres se tornavam importantes, pois eram incluídas nos movimentos heréticos que lhes rotulavam como desviante. Quando desempenhavam a função de líderes, como a já mencionada Margarida Porete, uma líder intelectual que se viu perseguida, aprisionada e julgada pela Inquisição francesa e, como resultado, em 1310 foi excomungada e recebeu como sentença final a morte na fogueira, tinha seu nome lembrado na legenda de histórias oficiais da Igreja. Segundo Richards:

O medo provocado por esta heresia cristalizou-se em torno da figura de Margarida Porete, uma beguina itinerante que escreveu um livro chamado "*The Mirror of Simple Souls*". Acusada de heresia, se recusou a retratar-se, e foram, ela e seu livro, queimados numa fogueira em 1310. (RICHARDS, 1993, p. 73).

Como vemos a cristandade católica não condizia com a aceitação do "diferente", ou seja, não estava de acordo com aqueles que faziam contestação, bem como, interpretações nascidas a partir do estudo das escrituras. Assim, enquanto a Igreja Católica excluía e queria transformar todos a sua volta, em conformados pacíficos. Por outro lado, os movimentos

heréticos, como os que discutimos anteriormente, atraíam todos para si e contribuíam para que os seus participantes se tornassem críticos e atuantes na fé, partindo dos questionamentos saídos das leituras e interpretações da Bíblia.

Algumas mulheres beguinas, não seguiam a risca o modelo por inteiro, pois se tornavam desviantes do próprio movimento, pois não levavam uma vida embalada pela castidade, ao contrário, algumas religiosas no lugar de freiras, desfrutavam dos prazeres carnavais e muitas, como já destacamos, até engravidavam. E foi partindo deste ponto que a Igreja viu o movimento como heresia. Assim, a insatisfação das mulheres que viviam e seguiam as práticas da Igreja Católica que promovia o temor ao prazer, considerado um grande mal, se expunha das mais diferentes maneiras. As beguinas, neste caso, expressaram que a superioridade da Igreja, podia sentir fraqueza e perder seu equilíbrio e “deixar” que outras formas de “poder” se consolidassem. Vemos com isso, que a partir de uma fissura a instituição religiosa começa a perder seu controle sobre as beguinas. Diante desse “desequilíbrio” da Igreja, em relação às beguinas, Roger Chartier informa que:

Quando o equilíbrio das tensões que permitia a perpetuação de uma formação social se encontra quebrado- quer porque um dos adversários/ parceiros se tornou demasiado poderoso, quer porque um novo grupo recusa a sua exclusão de uma partilha estabelecida sem ele-, é a própria formação que é posta em perigo e, no fim, é substituída por uma outra, que assenta num novo equilíbrio das forças e numa figura inédita das interdependências. (CHARTIER, 1990, p. 103).

A heresia representava de certa forma, o meio pelo qual, a sociedade se tornava independente de uma Igreja dominadora. Além disso, a heresia influenciava fortemente aqueles que eram atraídos por ela, pois mesmo sendo pessoas ligadas diretamente aos dogmas da Igreja Católica, percebiam que isso não era o suficiente para viverem bem. Neste caso, sentiam a necessidade de partirem para outros rumos. Estes por sua vez, representavam para o catolicismo a ausência do certo, do perfeito, da normalidade. E ser perfeito significava acreditar nos ensinamentos desta instituição. Cada fiel devia ter em mente estes ensinamentos para poder obter a Salvação Eterna, haja vista ser a

Igreja representante de Deus na terra. A respeito disso a autora Anita Waingort Novinsky nos informa que:

Através da ideologia do catolicismo, a Igreja oferecia aos seus fiéis, na Idade Média como hoje, uma mensagem de salvação, de vida eterna, que poderia ser alcançada através da crença em Jesus Cristo. O ideal da Igreja era manter a unidade da doutrina, [...] Criaram-se assim numerosas seitas, que alarmaram os defensores da ortodoxia, levando-os a se lançarem numa verdadeira cruzada pela purificação da fé. (NOVINSKY, 1982, p. 18).

Como vemos, a salvação eterna se apresentava como a grande arma ideológica da Igreja Católica para transformar inúmeras pessoas em suas seguidoras e, assim, poder manipular suas vidas mediante seus dogmas e preceitos. Este temor de perder a Salvação, caso desobedecesse, freava muitas mulheres na prática das heresias, porém isto não era o bastante para outras que resolviam seguir os seus ideais. Enfrentamentos que ameaçavam as bases das estruturas fundantes do catolicismo. Por conseguinte, o movimento das beguinhas e beguinos representou um valiosíssimo exemplo de ameaça à fé Católica. Como nos diz Jeffrey Richards:

A ameaça potencial mais séria que a Igreja julgava estar enfrentando entre a queda dos cátaros e a ascensão dos hussitas foi o movimento de beguinhas e beguinos, os mais recentes expoentes da idéia de piedade leiga, praticantes da “vida apostólica” de pobreza, mendicância e pregação, e da busca de uma relação individual com Deus. (RICHARDS, 1993, p. 72).

A pregação da Igreja Católica mais freqüente estava relacionada entre o padre e o fiel, ou seja, o caminho para chegar até Deus se situava na figura do religioso, pois, quem quisesse chegar a Deus tinha que primeiro chegar ao padre, através da confissão e do perdão dos pecados, por exemplo. Em detrimento disso, diversos adeptos da fé católica se sentiam atraídos pelo discurso que visava uma relação individual com Deus e assim preferiam tornar-se heréticas. Todavia, esta atuação contraditória feria profundamente, a ordem mantida pelo poder da Igreja Católica. Esta partia de variadas maneiras para o combate destas contrariedades observadas nos movimentos heréticos, bem como, naqueles descontentes com essa ordem. A autora Novinsky, nos informa que:

A Igreja Católica era uma empresa que funcionava com uma determinada ordem e hierarquia, estabelecendo sua organização, suas leis, suas regras punitivas e suas promessas de gratificação. Os infratores das regras eram punidos, [...] de maneiras diversas: a excomunhão, a confiscação de todos os bens, o exílio, a prisão perpétua, os açoites, as galeras e até a morte na fogueira. (NOVINSKY, 1982, p. 19).

Podemos relembrar aqui a beguina, Margarida Porete, que morrera queimada, por está representada no grupo dos infratores. Exemplo com que a Igreja objetiva difundir o medo aos desviantes. Situação que tem na base o temor de que os movimentos ruíssem o poder da Igreja. Assim, constatamos que o medo fluía bruscamente entre as autoridades eclesiásticas, pois tinham a força persistente dos que estavam relacionados diretamente com as heresias e, por sua vez, recebiam como castigos perseguições, prisões e mortes, até mesmo a queimação em fogueiras, como já evidenciamos, de modo a servirem de exemplos, para não mais promoverem o “mal”. Em se tratando desta importante “pecadora” que com seus ideais e escritos conseguiu abalar a fé católica, devido ao fato de ser morta na fogueira, representou a libertação das mulheres, pois isto possibilitou outro olhar para o ser mulher naquele período. Até porque, Margarida Porete foi reprimida, mas sua mensagem se eternizou. Com isso, José Rivair de Macedo relata que:

Margarida, uma beguina, foi importante líder intelectual do movimento apostólico e do livre espírito. Disseminou idéias heterodoxas nas regiões de Cambrai, Chalons e Paris. [...] Ela própria foi aprisionada e julgada pela Inquisição de Paris. Em 1310 foi excomungada e sentenciada à morte na fogueira. (MACEDO, 1990, p. 62).

No entanto, o que parecia o fim do “mal” para a Igreja Católica, a morte na fogueira se tornou o símbolo da persistência e da luta para se encontrar a liberdade tão sonhada por aqueles que estavam presos aos dogmas do catolicismo. Mesmo transformada em pó, cópias do livro que Margarida escreveu foram lidas por muitas outras e através destas cópias puderam escolher qual o melhor caminho a ser seguido conforme seus objetivos de vida. E por este insucesso, o temor invadia cada vez mais, as mentes das autoridades seculares e inundavam a vida dos ditos heréticos com práticas inquisitoriais. Neste caso, concordamos com Jeffrey Richards quando comenta:

Mas cópias dele sobreviveram para inspirar seus seguidores. No Concílio de Viena (1311-12), o papa Clemente V editou uma bula que denunciava a heresia do Espírito Livre e condenava as beguinhas por violarem a proibição sobre a criação de novas ordens. (RICHARDS, 1993, p. 74).

Como vemos a palavra proibição, representava a não busca pelo mal que estava relacionado às novas ordens fundadas pelas beguinhas que por sua vez, lutavam para quebrar as barreiras de uma vida inútil, sem motivações, isto é, sem a oportunidade de fazerem pregações acerca das suas aspirações e mesmo estando em minoria no ramo das heresias, muitas vezes as mais motivadas eram as viúvas e casadas. Estas contrariadas com a vida submissa que levavam, sem ter ao menos o direito de sentirem prazer no ato sexual, se envolveram com a heresia, pois, para a Igreja, a boa mulher só devia praticar o sexo no intuito da procriação. Assim, o casamento representou para estas mulheres, o símbolo do mal e buscavam nas heresias a libertação deste. E foi no movimento das beguinhas e beguinos que puderam dispor da abstinência, aumentando em muitos, o medo do prazer, ideologia plantada pela Igreja, pois para esta, o fato da mulher sentir prazer, representaria a propagação do pecado. E muitos movimentos aderiram a esta idéia. Conforme Georges Duby:

Acrescenta-se o conselho, mas a meia voz, de desprezar a carne em nome de um objetivo de vida devota fundado, como, outrora, as propostas dos heréticos, e como, em breve, as propostas das beguinhas, sobre o trabalho manual, a abstinência, o medo de ter prazer. (DUBY, 1989, p. 57).

O casamento em muitos casos serviu de aparato para inúmeras mulheres se tornarem dissidentes. Mesmo, elas se voltando para o lado das heresias, ainda assim foram consideradas minorias, pois o medo e a forma como foram criadas e educadas, as transformavam em sua maioria, em obedientes e submissas ao modelo masculino, assegurado pela Igreja que tornava a superioridade do homem, alicerçada na Sagrada Escritura. Porém, o atrativo mais significativo que levava as mulheres para o lado da oposição aos moldes e dogmas do Catolicismo, se referia ao papel que os movimentos heréticos destinavam a elas. Enquanto a Igreja excluía, os movimentos chamavam-nas para exercerem os mesmos papéis dos homens. Com isso, Macedo nos confirma que:

O número de homens envolvidos com a heresia foi sempre superior ao das mulheres. Mesmo assim, pelo menos um terço das acusações dizia respeito às viúvas ou mulheres casadas. [...] Na heresia, ao contrário das normas da Igreja, existia espaço para o ministério da pregação ao sexo feminino. (MACEDO, 1990, p. 63).

Sendo assim, as beguinhas estavam inseridas neste patamar que envolvia as poucas mulheres contestadoras e que visavam à exposição de suas idéias, bem como, atuar na vida, com os mesmos “lugares” destinados aos homens. No entanto, a participação ativa destas, nos movimentos como, as beguinhas, promoveu nelas uma vida conturbada e curta. Pois, a Igreja Católica que já havia imposto as regras para elas seguirem, não concordaria, com tal rebeldia, e com isso submeteu as mesmas a vários castigos, as tratando feitos hereges. Conforme Richards:

O papado tentou lidar com a heresia do Espírito Livre atacando beguinhas e beguinos. Por cem anos eles foram submetidos a ataques de parte das autoridades, o refrão era sempre o mesmo. Sua mendicância (simbolizada por seu grito, “Pão por amor de Deus”), sua promoção da doutrina do Espírito Livre, a qual era uma incitação à libertinagem, e sua desobediência (rejeição da autoridade da Igreja em sua busca pessoal da santidade) fizeram deles hereges. (RICHARDS, 1993, p. 74).

Apesar de serem atacados constantemente pela Igreja, os beguinos foram apoiados no sul da França, devido, ter sido anteriormente nesta região o maior reduto cátaro. Seu modelo de pobreza coincidia com o modelo do Catarismo, fazendo com que o impacto sofrido pela decadência cátara fosse amenizado com os beguinos e beguinhas. Mas, mesmo adquirindo tal apoio, este movimento não se livrou do poder da Inquisição. A Igreja se valeu desta munção e acabou subjugando-os. Assim, nos munimos das idéias, ainda de Richards, para obter a confirmação de que:

Os espirituais ganharam um forte apoio no sul da França, particularmente nas cidades, onde seus seguidores eram conhecidos como beguinos [...], porque eram os modelos da pobreza apostólica que era reverenciada e porque preenchiam o vazio deixado pelo esmagamento dos cátaros. [...] Os espirituais foram, por sua vez, esmagados, e os beguinos foram submetidos a intensa pressão da Inquisição. Depois de 1320, os remanescentes fugiram para a Itália meridional, onde subsistiram comprovadamente até 1466. (RICHARDS, 1993, p. 75).

Entretanto, os beguinos e beguinas, mesmo sobre forte ameaça e perseguição Católica, não desistiram, muito menos, renegaram seus ideais. Assim, buscavam a fuga, o esconderijo, no qual podiam se sentir protegido das armas inquisitoriais. Detectamos com isso, as falhas do poder da Igreja, pois deu margem a brechas, ou seja, a “saídas”, para aqueles considerados heréticos. E como já discutimos as mulheres em parte, não estava dispostas a serem submetidas às ordens do marido, como servas. Estas, “preferiam” provar o “gosto amargo” da Inquisição.

Portanto, a importância do falar para as mulheres era singular. Numa época em que a submissão, a obediência e a conformação representavam a saída para se chegar à salvação eterna. Na Idade Média as mulheres que infligissem essas regras criadas pela Igreja seriam severamente punidas, mas podemos destacar que isso não possibilitou de forma alguma o freamento dessas poucas mulheres que encontraram nos movimentos heréticos o seu lugar de inclusão. Neste caso, essa participação feminina representava um grande perigo para a afirmação do Cristianismo como religião marcante no Ocidente. Assim, temos a constatação da presença feminina nos movimentos heréticos a partir da confirmação de José Rivair de Macedo ao nos informar que:

As heresias da Baixa Idade Média, presentes na cristandade desde o século XI, foram, em alguns casos, a via escolhida por grupos leigos para participar mais intensamente da vida religiosa. [...] Os textos deixados pelos religiosos, basicamente as únicas fontes para o estudo das heresias, registram, na maior parte, uma proporção considerável de mulheres na composição dos movimentos. (MACEDO, 1990, p. 60).

Contudo, detectamos que os movimentos heréticos serviram de base para muitas mulheres se firmarem e conseguirem evidenciar suas aspirações e seus ideais de vida. E como vimos, os movimentos que acolheram estas mulheres se designavam como: o Catarismo, os Valdenses e as Beguinas, que fizeram destas mulheres, atuantes e temidas pela Igreja Católica, pois esta última transformou milhares delas em vítimas, já que discordavam das práticas e dogmas católicos. E por isso perseguidas, presas e mortas na fogueira. Mas, constatamos também, que nem todos os movimentos acolheram as mulheres,

apesar disso não foram só elas as castigadas, os homens também, o foram. Como o que ocorreu com o movimento dos Cavaleiros Templários, no qual tiveram como fim a fogueira, devido à ambição de um rei maligno e de uma Igreja preocupada apenas, com a manutenção do seu poder, como discorreremos no primeiro capítulo. Assim, em nome da fé e de Deus, milhares de pessoas foram massacradas, apenas por serem “diferentes” e por discordarem dos moldes estabelecidos pela Igreja Católica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fechamos nossa monografia com algumas conclusões que nos servirão de base para futuras buscas, pois, notamos ainda, que nos é escasso obras que reportam o dia-a-dia do feminino na Idade Média. Observamos que as bibliografias aqui pesquisadas tendiam a ressoar as “vozes” apenas do masculino, mas a partir desse estudo pudemos constatar que nem todas as mulheres se calaram diante de tamanha subjugação por parte da Igreja Católica, bem como, do masculino.

As bibliografias que optamos por analisar em muitos casos não citaram nomes. Percebemos que a escrita destes medievalistas eram bem generalizadas, pois discutiam como as mulheres eram representadas pelo masculino, mas, senti a necessidade de algo mais, principalmente nos movimentos aqui estudados como o Catarismo, os Valdenses e as Beguinias. Nestes, notamos também que apenas as práticas das muitas mulheres dissidentes foram evidenciadas, deixando um pouco de lado sua autoria.

Acreditamos ser necessário um maior embasamento para respondermos as perguntas que ainda persistem, como por exemplo, quem eram as mulheres que discordavam da sua condição de submissão na Idade Média? Porém outras questões nos convenceram, como, o fato de que nos movimentos heréticos aqui pesquisados, as mulheres tiveram espaço garantido. Além de percebermos que outras, adquiriram o poder de atuar como os homens, pois, através da viuvez puderam obter *status social*.

Notamos que mesmo vivenciando uma época de misoginia, as mulheres não desistiram de se tornarem auto-suficientes. Mas isto teve consequências desastrosas já que, para a Igreja o ideal a ser seguido era o da conformação e da obediência. O determinado para elas seria o casamento, mas nem todas concordavam e acabavam fugindo se tornando excluídas da sociedade medieval.

Nosso primeiro capítulo foi dividido em três tópicos nos quais, exaltamos uma abordagem simplória da Baixa Idade Média, voltando nossa percepção para as transformações passadas pelos franceses neste momento, em âmbito econômico, cultural e político. Analisamos a importância dos intelectuais e sua nova forma de questionar os escritos da Sagrada Escritura. Assim, essas mudanças, principalmente, no ensino promoveram uma visão diferenciada na religião e fez muitos perceberem que a tradição Católica carecia ser modificada e revista. No entanto, esses contestadores foram representados pela Igreja como hereges cabendo a própria corrigi-los e até freá-los. Era, então, a vez da Inquisição entrar em cena para estabelecer a ordem implantada pela Igreja. Mas, a heresia persistiu mesmo com as inúmeras perseguições e muitos sofreram como castigos a morte na fogueira inquisitorial.

Terminamos nosso primeiro capítulo apresentando a representação da mulher em vários aspectos. Havia as que eram submissas aos seus maridos, mas que conseguiam convencer estes de acordo com suas vontades. Outras preferiam a vida sem a proteção dos homens partindo para os conventos ou bordéis. Ainda tinha aquelas que participavam de movimentos heréticos atuando nas mesmas funções masculinas. Podemos concluir que as mulheres na Idade Média não podiam ser representadas de modo homogêneo, pois, suas distinções eram evidentes. Elas atuavam de forma contestadora dos então moldes estabelecidos pela Igreja Católica, sem conformar-se com tais ditames.

Por outro lado, o segundo capítulo permitiu a constatação da participação das mulheres em movimentos dissidentes contra a Igreja Católica. Muitas foram castigadas e morreram para provocar o medo e o terror nas demais, mas suas idéias permaneceram vivas e ativas. Dividimo-lo em três partes, nas quais colocamos em pauta discussões a respeito de três movimentos heréticos que aderiram à inclusão de mulheres como atuantes e capazes de executarem as mesmas funções masculinas. Sendo os seguintes: Catarismo, Valdenses e Beguinhas que se destacaram por introduzirem em seu seio as mulheres descontentes com sua sorte e que almejavam uma maior valorização por parte do masculino.

Entretanto, nossa dificuldade foi conseguir elencar estas mulheres que atuaram nos movimentos aqui analisados, pois, até as obras da época eram destinadas ao masculino cabendo às mulheres o lugar de secundária. Assim ainda, nos propomos em outro momento adquirir mais bibliografias para analisarmos e promover um debate mais consistente voltado ao feminino na Idade Média, mais precisamente entre os séculos XII, XIII e XIV.

Contudo, até aqui ficamos satisfeitos com as análises trabalhadas nesta monografia, pois, percebemos que mesmo num período em que as mulheres foram bastante subjugadas pelos homens e pela Igreja, elas não se deixaram amedrontar e seguiram na busca pela sua autonomia, correndo riscos e vendo que agindo assim, a fogueira estava a sua espera, mas não desistiram e lutaram até o fim.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1-BLOCH, R. Howard. Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental, trad.: Cláudia Moraes, Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- 2-DUBY, Georges. A idade média na França (987-1460): de Hugo Capeto a Joana D'arc, trad.: Clóvis Marques, Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- 3-DUBY, Georges. Eva e os padres: damas do século XII. Trad.: Maria Lúcia Machado, São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- 4-DUBY, Georges. Idade Média, idade dos homens: do amor e outros ensaios, trad.: Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- 5-CHARTIER, Roger. A História cultural: entre práticas e representações, trad.: Maria Manuela Galhardo, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- 6-GONZAGA, João Bernardino. A inquisição em seu mundo, 8ª. Ed., São Paulo: Saraiva, 1994.
- 7-LE GOFF, Jacques. A civilização do ocidente medieval. Lisboa: Estampa, 1983, I e II vols.
- 8-LE GOFF, Jacques. O Imaginário Medieval. Lisboa: Estampa, 1994.
- 9-LE GOFF, Jacques. Os Intelectuais na Idade Média. 2ª ed. Lisboa. Gradiva, s/d
- 10-MACEDO, José Rivair. A mulher na Idade Média, São Paulo: Contexto, 1990 (Coleção repensando a História Geral).
- 11-NOVINSKY, Waingort Anita. A inquisição, São Paulo: Brasiliense S. A Ed., 1982.
- 12-PERES, Alcides Conejeiro. A Inquisição e os instrumentos de tortura da Idade Média. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1998.

13-RICHARDS, Jeffrey. Sexo desvio e danação: as minorias na Idade Média, trad.: Marco Antonio Esteves da Rocha e Renato Aguiar, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

14-RUSSELL, Jeffrey Burton. A feitiçaria: feiticeiros, hereges e pagãos, trad.: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Campus, 1993.

15-TESTAS, Guy e TESTAS, Jean. A inquisição, trad.: Alfredo Nascimento e Maria Antônia Nascimento, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

16-WOLFF, Philipe. Outono da Idade Média ou primavera dos tempos modernos? São Paulo: Martins Fontes, 1988.